



Financiado pela
União Europeia



Historias de Vida

Caminhos de Mudança:

O Impacto do Ianda Guiné em Primeira Pessoa





Financiado pela
União Europeia



Life Stories

Paths of Change: :

The Impact of Ianda Guiné in First Person



Financiado pela
União Europeia



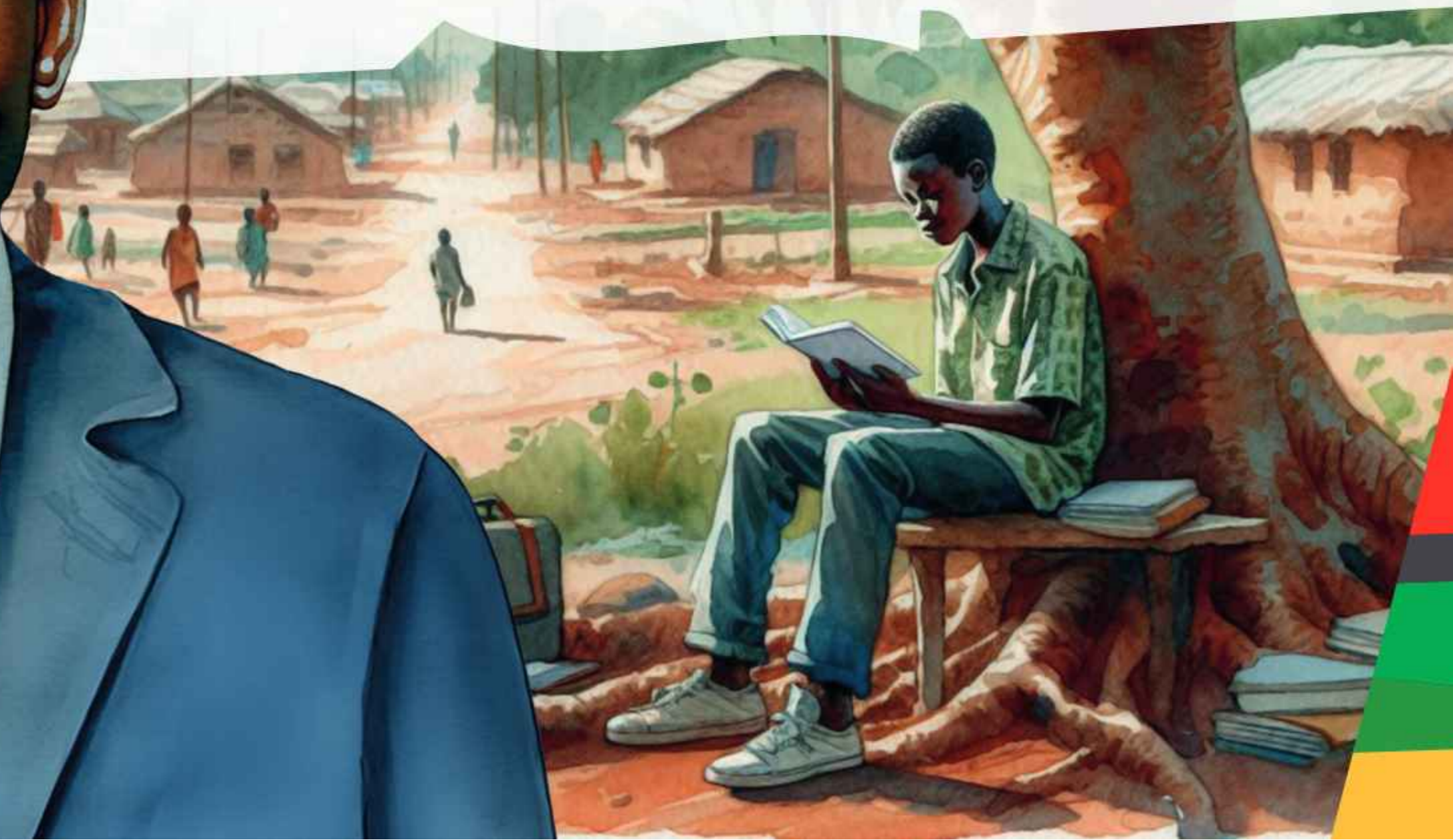
Adelino José de Pina

Um sonho quase real

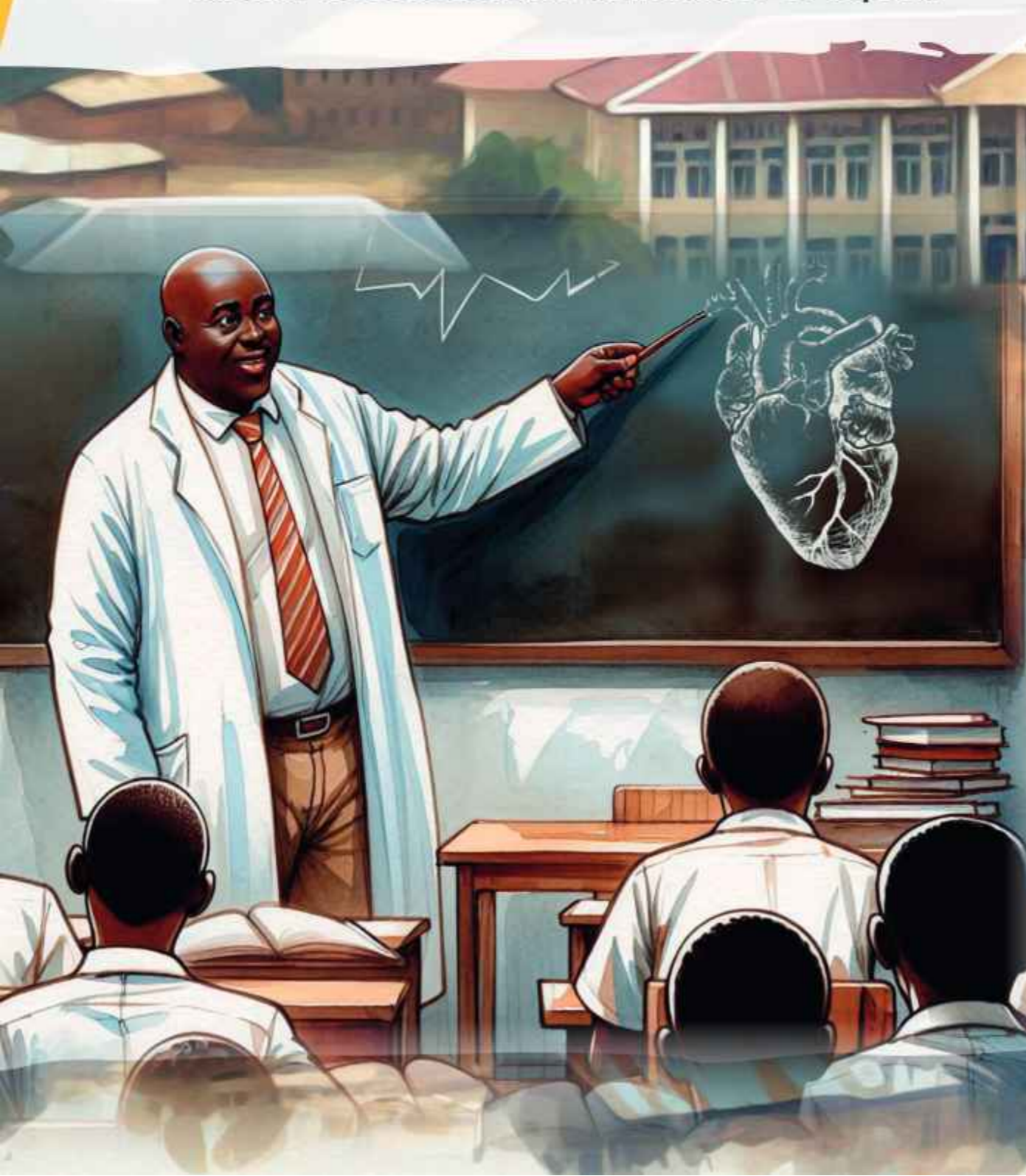


Olá,
o meu nome é
Adelino José.


Adelino José de Pina nasceu em Cúmura, uma tabanca a beira da estrada entre a capital Bissau e Prabis, na pequena região de Biombo. Desde cedo, os caminhos da vida o levaram a seguir uma jornada singular, marcada pela busca incessante do conhecimento e do serviço ao próximo. Nas vielas poeirentas e sombreadas pelas imponentes mangueiras, Adelino aprendeu as primeiras letras, alimentando um sonho que crescia junto com ele. Depois de concluir os estudos primários na região, Adelino avançou para o liceu e, com um fervor incansável, ingressou na Escola Nacional de Professores Tchico Té, onde obteve um bacharelato em Biologia Química.



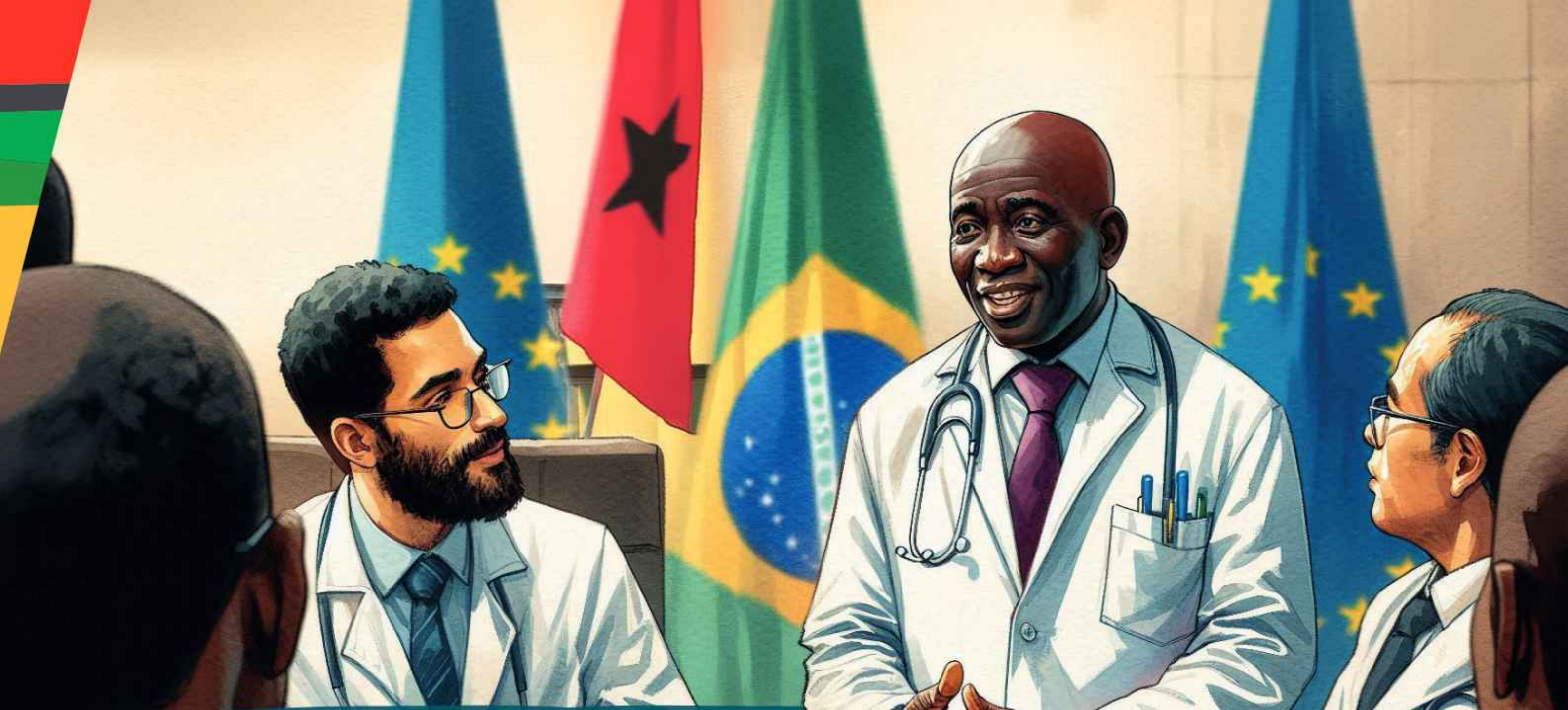
A vocação de Adelino para a medicina floresceu sob a influência dos padres e freiras de Cumura, em especial os saudosos Padre Jorge e a irmã Rosana. O jovem Adelino, com um coração cheio de compaixão, tornou-se voluntário no hospital local, onde a irmã Rosana, impressionada pelo seu empenho e dedicação, decidiu custear os seus estudos de medicina na capital.



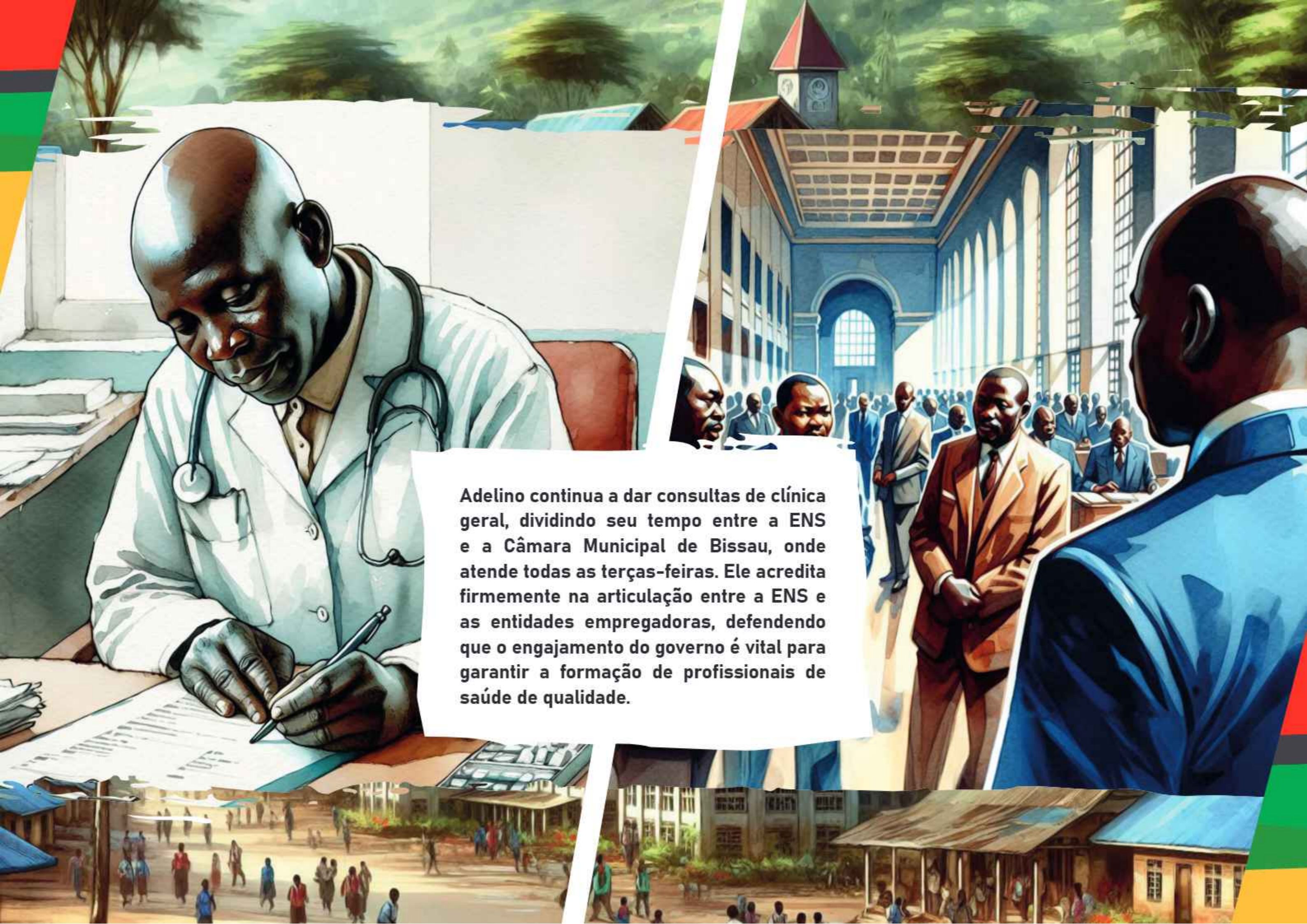
Agora, aos 44 anos, Adelino é um homem quase realizado. Casado e pai de três filhos, ele se especializou em medicina do trabalho e ocupacional e tornou-se um professor respeitado na Escola Nacional de Saúde (ENS). A vida de Adelino é um mosaico de conquistas e desafios. Como diretor da ENS, ele enfrenta a árdua tarefa de melhorar as condições da escola, enquanto ensina anatomia patológica e fisiopatologia aos futuros profissionais de saúde.

The illustration depicts a bright, modern hallway with a polished floor that reflects the figures. In the foreground, the lower legs and feet of a person in a white shirt and blue trousers are shown in a large, detailed style. In the background, a group of students in white shirts and ties are walking away. A large, glowing blue globe with yellow stars is positioned in the center-right, partially overlapping the hallway. On the right side, a close-up profile of a man's face is visible, looking towards the globe. The overall style is a mix of realistic and stylized digital art.

Os corredores da ENS ressoam com os seus passos determinados, e as suas aulas são aguardadas com expectativa pelos estudantes. Mas os desafios não são poucos. Adelino vislumbra um futuro onde a ENS oferece um curso de licenciatura em enfermagem superior, reconhecido internacionalmente. Esse sonho o levou a Coimbra, Portugal, onde, num encontro na Escola Superior de Enfermagem, ele expressou a importância dessa meta com o peito cheio de esperança e determinação.




No Brasil, durante um encontro financiado pela União Europeia, Adelino conheceu a ideia do projeto Ianda Guiné! Saudi, uma iniciativa que acendeu nele a chama de transformar a ENS em um farol de excelência na formação de enfermeiros. Para Adelino, fortalecer a capacidade do corpo docente e melhorar os salários são passos cruciais para atingir essa visão. A ENS tem enviado seis professores para mestrados em Coimbra, acreditando que um corpo docente qualificado é a chave para uma educação de qualidade.



Adelino continua a dar consultas de clínica geral, dividindo seu tempo entre a ENS e a Câmara Municipal de Bissau, onde atende todas as terças-feiras. Ele acredita firmemente na articulação entre a ENS e as entidades empregadoras, defendendo que o engajamento do governo é vital para garantir a formação de profissionais de saúde de qualidade.



Com os olhos voltados para o futuro, Adelino pede a graça de Deus para continuar contribuindo para a melhoria da ENS e do sistema de saúde de Guiné-Bissau. Ele sonha em ver a extensão do projeto IANDA Guiné! Saudi e outros projetos similares, que visem a capacitação dos recursos humanos na saúde. Adelino valoriza a opinião dos estudantes e jovens, incentivando-os a participar ativamente na melhoria dos programas educacionais.



Assim, nas sombras das mangueiras de Cumura até os corredores da ENS, a história de Adelino José de Pina é um testemunho de dedicação, sonho e serviço, um legado que ele espera deixar para as futuras gerações de profissionais de saúde de Guiné-Bissau.



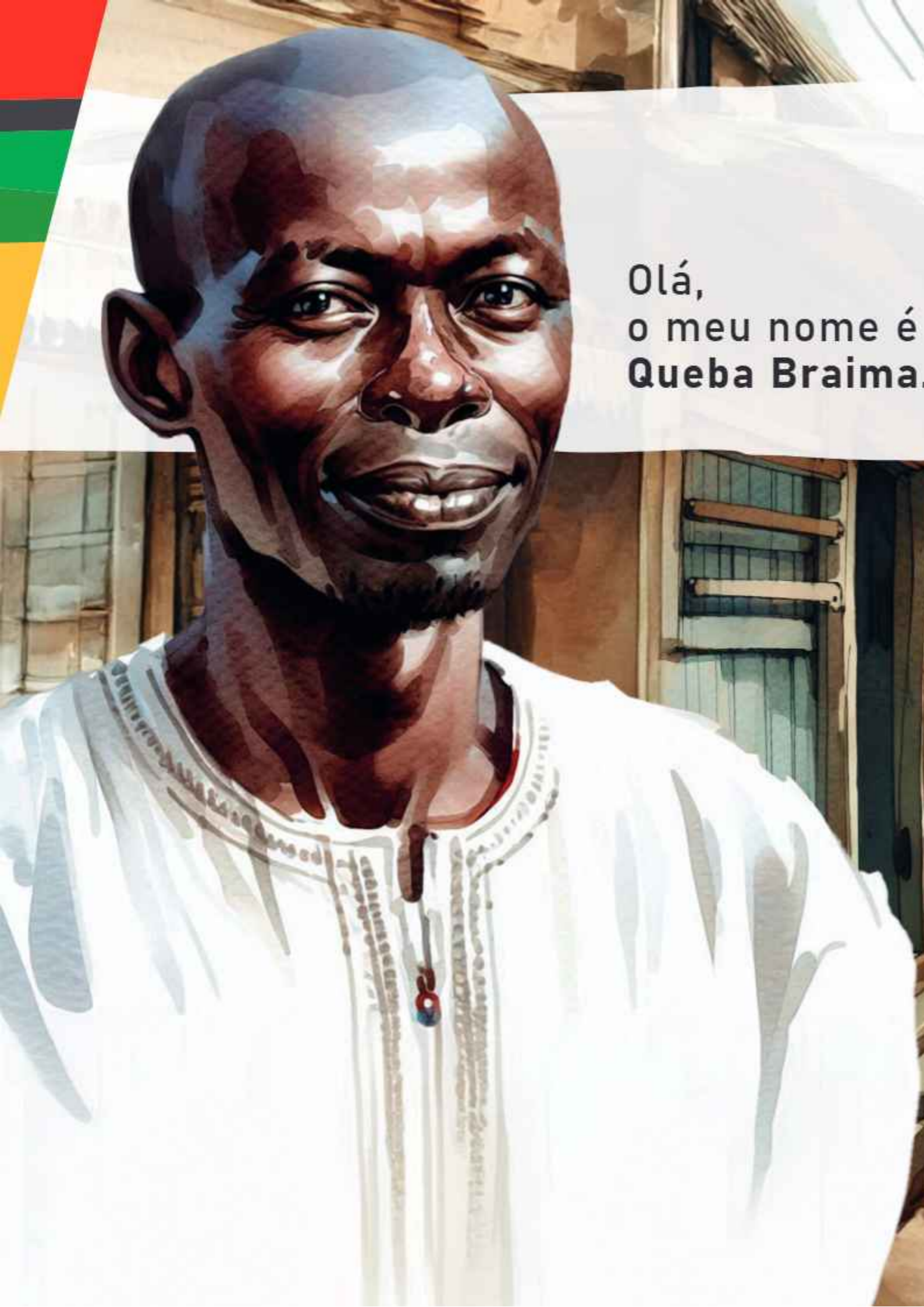


Financiado pela
União Europeia



Queba Braima Camara

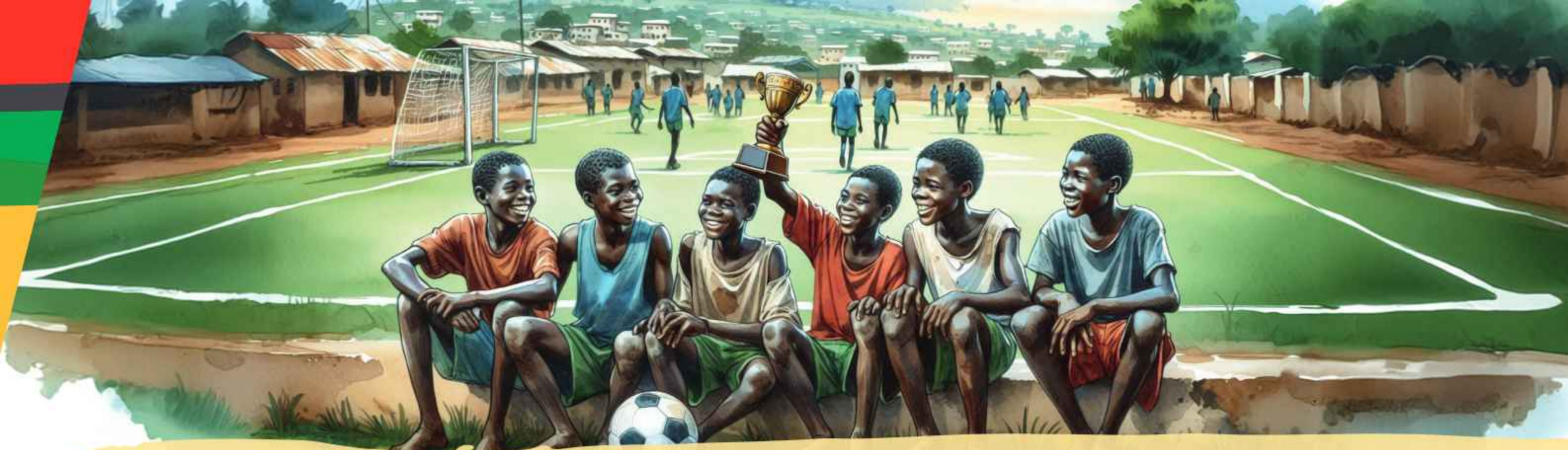
Aga o homem grande de Buba



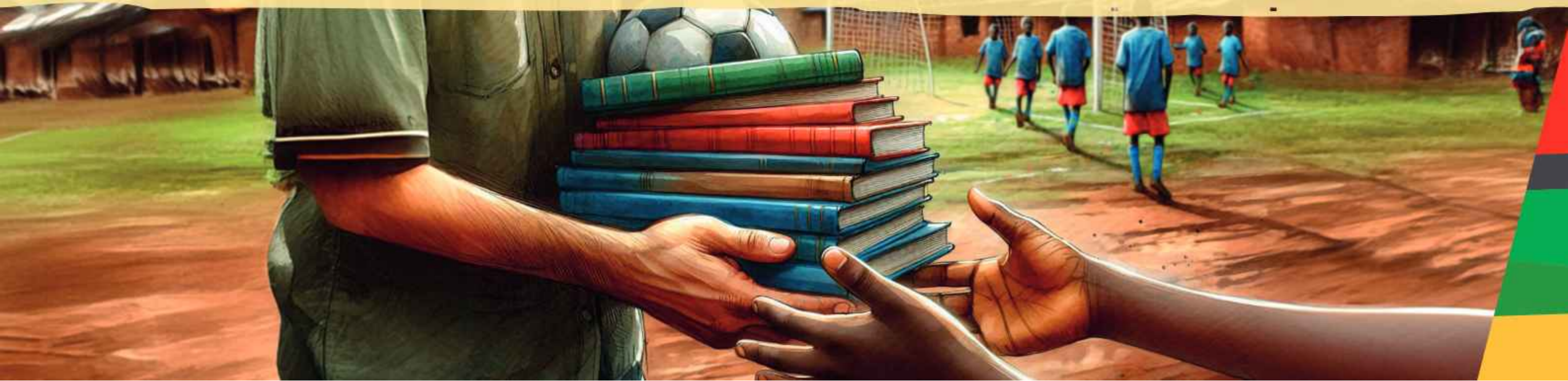
Olá,
o meu nome é
Queba Braima.

Queba Braima Camara, conhecido como Aga do dialeto Mandinga, que significa “omi garandi”, ou “homem grande”. Meu nome, Queba, foi herdado de meu avô, um homem de grande respeito e sabedoria em nossa comunidade. Nasci em uma família humilde, com meu pai originário de Empada e minha mãe de Fulacunda. Desde cedo, nossas raízes foram firmemente plantadas em Buba, onde a família decidiu manter sua residência.





A minha trajetória é marcada por um compromisso contínuo com a educação e o desenvolvimento comunitário. Desde a infância, os estudos foram uma prioridade. Estudei em Buba e posteriormente me mudei para Bissau para concluir o liceu. Durante esses anos, o futebol se tornou uma grande paixão. Organizava campeonatos entre equipas de Quinara, Bolama e Tombali, onde os prêmios, embora modestos, consistiam em materiais escolares. Ficava satisfeito por receber o prêmio de melhor marcador, muitas vezes apenas uma caneta, um caderno e uma bola. Mas mesmo assim ficava satisfeito.





Hoje, sou casado e pai de cinco filhos. Além disso, cuido de minha irmã e três sobrinhas, totalizando doze pessoas em nossa casa. A responsabilidade de sustentar uma família grande me impulsionou a buscar diversas formas de trabalho. Meus primeiros empregos foram como barbeiro e engraxador de sapatos, atendendo a representantes de projetos na região. Muitas vezes, preparava wargá (chá verde) para eles, e em troca, recebia roupas e sapatos, o que me permitia andar sempre bem vestido.

Durante algum tempo, trabalhei numa mercearia. O dono, impressionado com minha dedicação, falou com meus pais para que eu pudesse continuar trabalhando lá. No final de cada mês, eu recebia um saco de arroz, o que me fazia sentir importante e ajudava a sustentar a família. Paralelamente, continuei meus estudos e, eventualmente, consegui um contrato de ensino básico, dando aulas em várias tabancas da região.



A minha jornada profissional deu uma guinada significativa quando comecei a trabalhar na Divutec. Inicialmente, trabalhei quase um ano sem salário, mas minha dedicação foi recompensada quando me contrataram como animador em Tite, gerindo atividades de microcrédito financiadas por uma agência espanhola. Assumi a responsabilidade pela caixa de poupança, atribuindo crédito a pescadores e mulheres bideiras. Nos primeiros três meses, minha avaliação foi excelente, resultando num contrato de um ano. Até hoje, continuo a trabalhar na Divutec, uma posição que me permite contribuir significativamente para o desenvolvimento comunitário.





Além do meu trabalho na Divutec, faço parte do comitê de gestão da estrada que liga Fulacunda a Nova Sintra. Este grupo foi criado pela UNOPS para ajudar na manutenção e gestão das estradas, um trabalho caro, mas essencial para a nossa comunidade. Juntamente com os responsáveis pela construção das estradas, identificamos e resolvemos problemas críticos, como a falta de canais de escoamento de água, que poderia deteriorar rapidamente as vias.



A minha dedicação à manutenção das estradas foi crucial em momentos de crise, como durante um incêndio em Buba. Graças às melhorias nas estradas, foi possível transportar as vítimas para Bissau rapidamente, salvando vidas que, de outra forma, teriam sido perdidas devido às condições das estradas. As melhorias nas estradas não apenas facilitam o transporte de emergência, mas também aproximam as famílias. Hoje, posso visitar minha irmã em Nova Sintra e retornar no mesmo dia, algo que antes seria impensável.

O impacto positivo das estradas se estende à economia local. Agricultores de diferentes tabancas agora podem levar seus produtos para vender nas várias feiras da região, aumentando suas oportunidades de renda. Enquanto beneficiários e moradores, é nosso dever continuar a gerir as estradas e assegurar que os projetos de infraestrutura sejam mantidos.

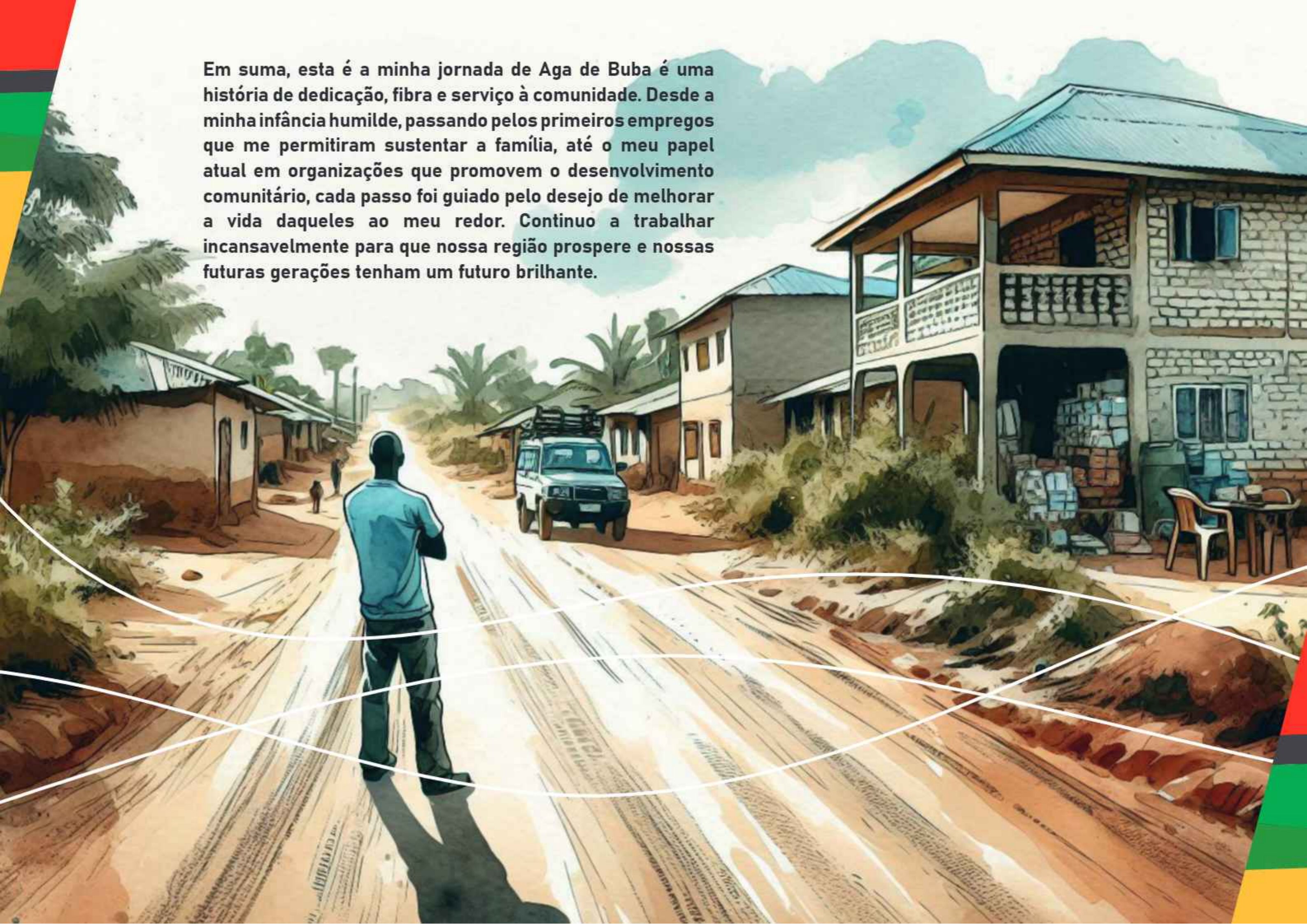




Recomendo à UNOPS que continue a seguir o projeto que o PP, a empresa executora da obra, está a desenvolver, garantindo que a população tenha boas estradas por pelo menos 5 a 10 anos. É crucial insistir com a empresa implementadora para corrigir todas as falhas nas estradas, instalar quebra-molas e criar canais adequados para o escoamento da água. Observamos que tecnologias alternativas podem ser utilizadas para melhorar ainda mais as condições das vias.

A minha vida é inteiramente dedicada a projetos comunitários. Se eu fosse um Bill Gates, asfaltaria todas as estradas. Mas como não sou, acredito que o ideal é trabalhar com as Organizações da Sociedade Civil (OSC) em projetos que melhorem as infraestruturas da nossa região, incluindo escolas. Pequenos avanços, somados ao longo do tempo, beneficiarão todos e aproximarão ainda mais as pessoas, algo que considero fundamental.

Em suma, esta é a minha jornada de Aga de Buba é uma história de dedicação, fibra e serviço à comunidade. Desde a minha infância humilde, passando pelos primeiros empregos que me permitiram sustentar a família, até o meu papel atual em organizações que promovem o desenvolvimento comunitário, cada passo foi guiado pelo desejo de melhorar a vida daqueles ao meu redor. Continuo a trabalhar incansavelmente para que nossa região prospere e nossas futuras gerações tenham um futuro brilhante.








Financiado pela
União Europeia



Aruna Sanha

Consigo Ter Uma Voz Que Também Fala



Olá,
o meu nome é
Aruna Sanha.

O meu nome é Aruna Sanha, sou natural de Mansoa e estou a trabalhar no projeto Ianda Guiné! Lus ku iagu. Atualmente, trabalho em Mansoa como animador de projeto, uma função que me permite interagir diretamente com a comunidade, ajudar a resolver problemas e promover melhorias nas infraestruturas locais.

Como animador, o meu dia a dia é bastante dinâmico e envolve múltiplas tarefas. Sigo os colegas, faço a planificação com os nossos superiores e depois aplicamos na prática no terreno. Todo este tempo, temos trabalhado na área de bombas de água manual, um recurso essencial para muitas comunidades rurais que não teriam acesso a água potável de outra forma.



Especificamente, fazemos reparações de bombas e pequenas redes elétricas, como é o caso das eletrobombas. Quando estas têm avarias, reparamos com dedicação e rapidez. Trabalhamos com as bombas nas comunidades, por exemplo, se a bomba da tua comunidade estiver avariada, podes ligar-me, e eu, na qualidade de animador, irei juntamente com o técnico da comunidade para realizarmos o trabalho de reparação. Este serviço é vital para garantir que as pessoas tenham acesso contínuo à água, um recurso básico e fundamental para a vida.





Lembro-me bem dos primeiros tempos quando estudava aqui em Mansoa. Concluí o 12º ano no Liceu Quemo Mané, mas logo depois fiquei sem ter o que fazer. Um dia, fui buscar água na escola e passei pela casa de Nbundé, um jornalista da rádio Sol Mansi e também meu ex-professor de filosofia. Ele me perguntou: “Que trabalho é que fazes agora?” Como ele foi meu professor, tinha essa liberdade. Respondi que não estava a fazer nada e ele insistiu: “Tens todos os teus certificados?” Respondi que sim, tinha todos os meus certificados autenticados.



Foi então que ele me falou sobre o projeto Ianda Guiné! Lus Ku lagu, que estava a recrutar jovens para uma formação em Bissorã, sem custos. Ele disse: “Esta é uma oportunidade”. Quando voltei para casa, informei o meu irmão mais velho sobre a formação. Ele inicialmente foi contra, argumentando que poderia pagar uma formação profissional ou uma licenciatura para mim. No entanto, insisti, explicando que esta era uma oportunidade única e que, ao concluir, poderia até mesmo pagar pelos meus estudos futuros.

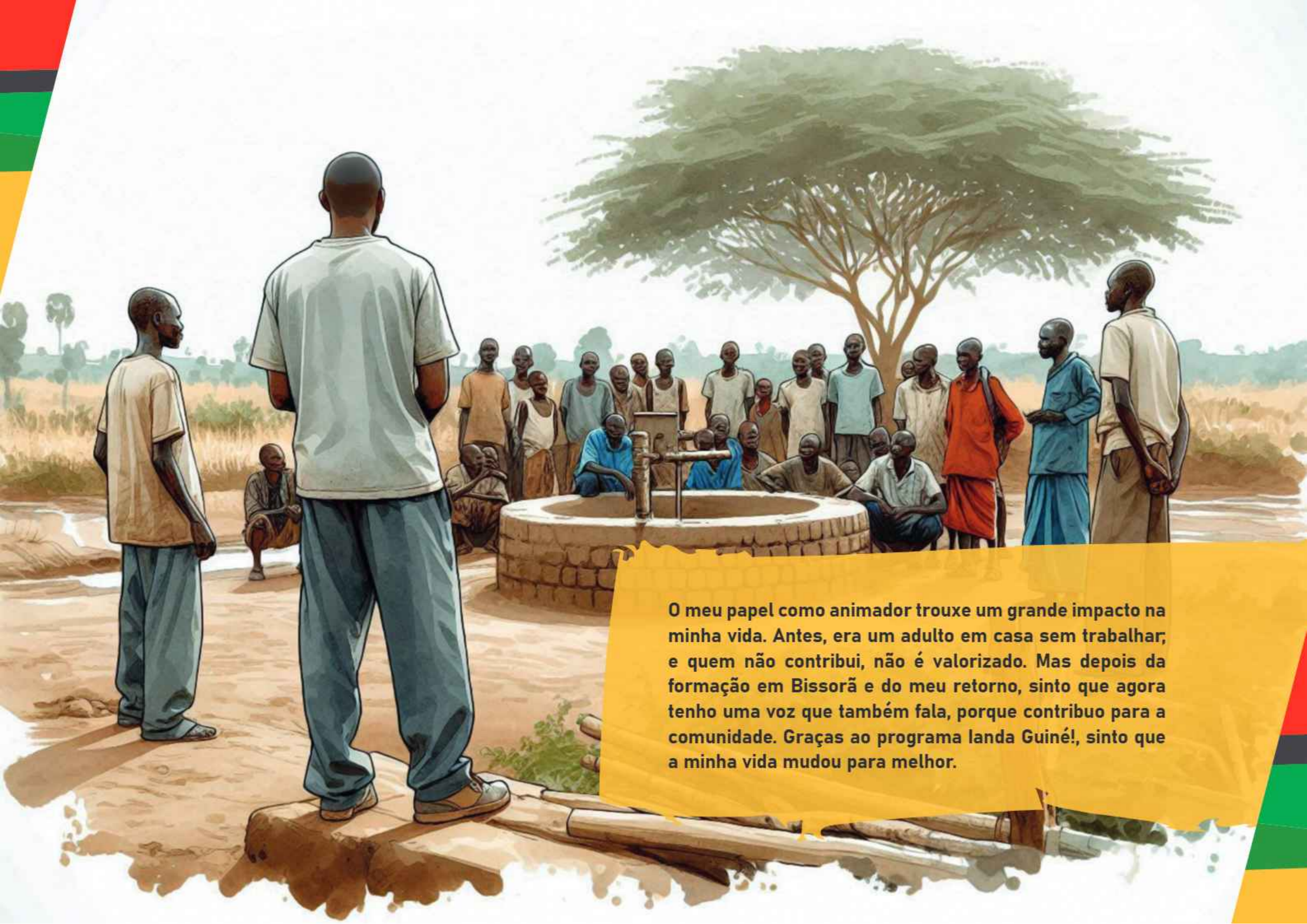
Finalmente, consegui convencer o meu irmão e fui me inscrever. Quando cheguei, eu era a penúltima pessoa na fila para as trinta vagas disponíveis. Logo depois de mim, chegou uma moça chamada Idjatu, e estivemos juntos durante a formação. Foi um período duro, mas muito enriquecedor.

Após a formação, graduamo-nos e cada um voltou para a sua terra para contribuir com o que aprendeu. O que mais gosto é de fazer trabalhos nas comunidades, especialmente porque estamos a trabalhar com algo tão vital como a água. Todos sabem a importância da água para a vida humana.





Infelizmente, no ano passado, em outubro, o meu irmão faleceu enquanto eu estava a estudar na ADPP em Bissorã. Atualmente, vivo com a sua mulher e os seus filhos, e essa perda ainda é sentida profundamente por todos nós. No entanto, a minha graduação trouxe uma mudança significativa na minha vida. Fui escolhido, ou melhor, selecionado para trabalhar como animador do projeto no setor de Mansoa, algo que considero uma grande sorte.

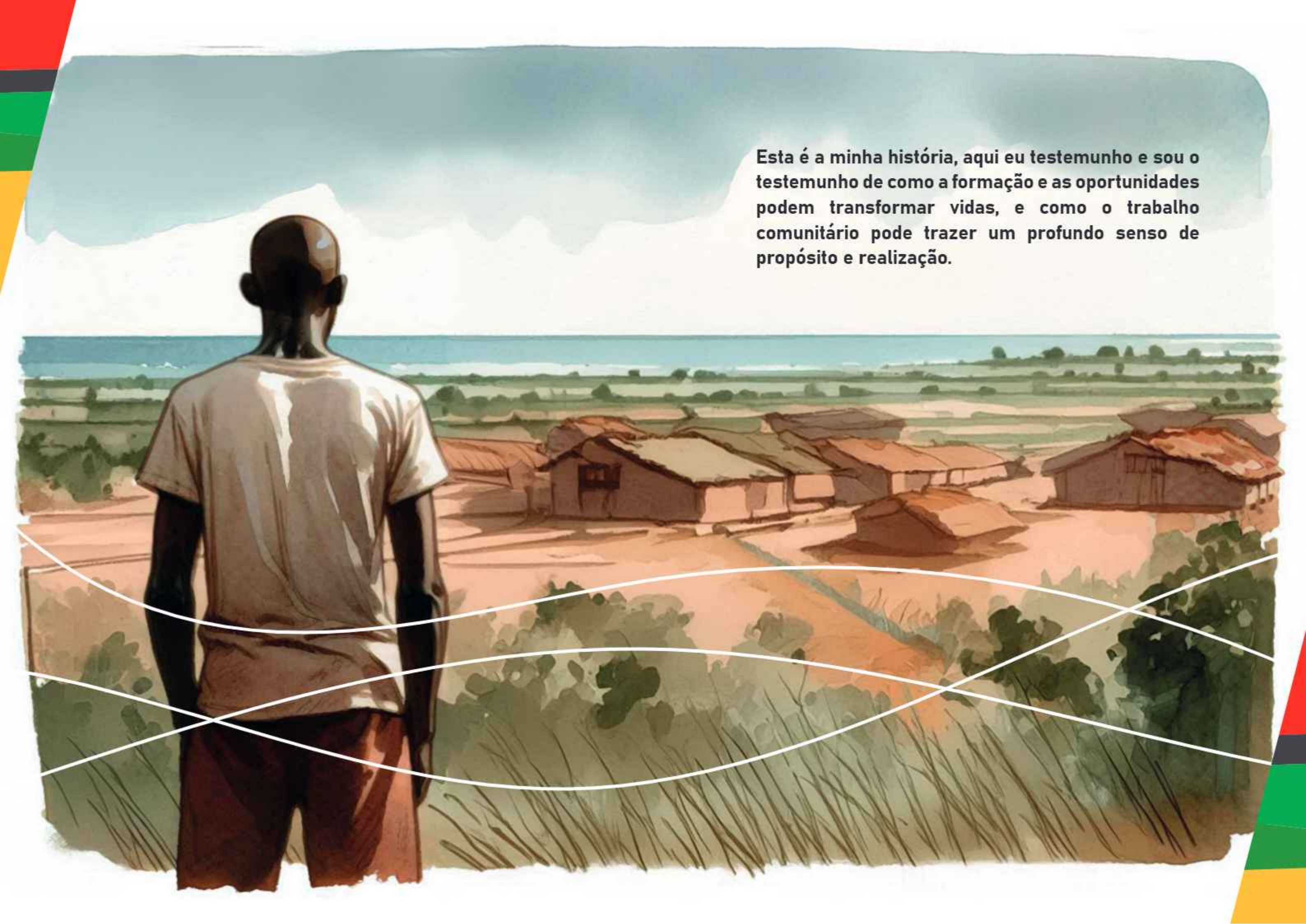


O meu papel como animador trouxe um grande impacto na minha vida. Antes, era um adulto em casa sem trabalhar, e quem não contribui, não é valorizado. Mas depois da formação em Bissorã e do meu retorno, sinto que agora tenho uma voz que também fala, porque contribuo para a comunidade. Graças ao programa landa Guiné!, sinto que a minha vida mudou para melhor.

Tenho planos para o futuro e desejo continuar a minha formação. Estou sempre a pensar em formas de aumentar os meus conhecimentos e melhorar as minhas competências. Penso em entrar na escola de formação 17 de Mansoa, mas este ano não foi possível. Ainda assim, quero estudar sempre, e tenho o sonho de me tornar professor.



O meu maior sonho é que as coisas não terminem aqui. Quero estar confortável e proporcionar conforto à minha família. Desejo alcançar algo que possa realmente ajudar a minha mãe e os demais familiares. Sei que, com determinação e o apoio dos programas como o landa Guiné!, poderei continuar a crescer e contribuir ainda mais para a minha comunidade e para a minha família.



Esta é a minha história, aqui eu testemunho e sou o testemunho de como a formação e as oportunidades podem transformar vidas, e como o trabalho comunitário pode trazer um profundo senso de propósito e realização.





Financiado pela
União Europeia



Benjamin Té

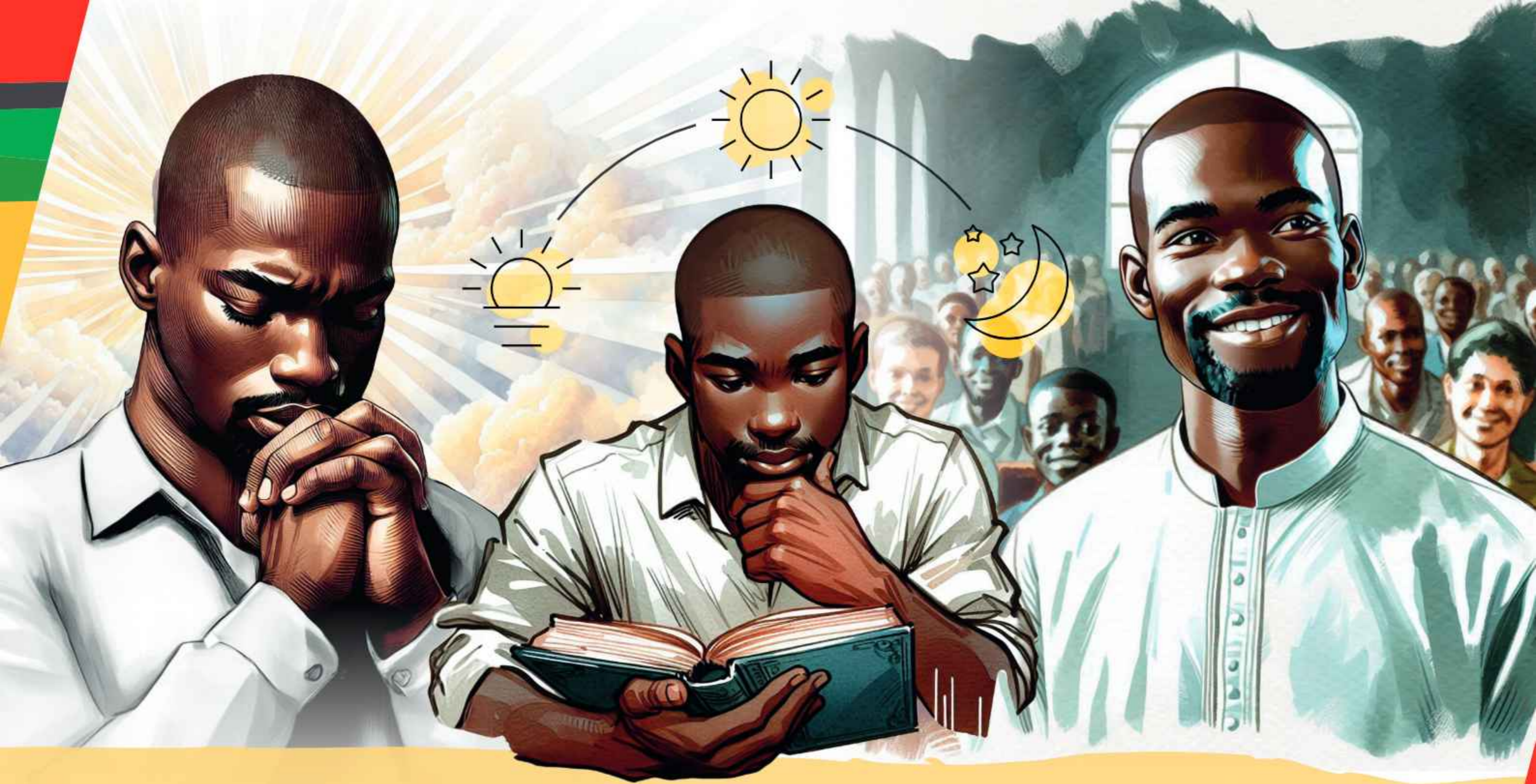
Ao serviço da comunidade



Olá,
o meu nome é
Benjamin Té.

Benjamin Té, figura de feição serena e alma inquieta, navegava os dias com a mesma determinação com que cruzava as águas entre Bissau e o Ilhéu de Rei. Desde a mocidade, o chamamento divino ecoava no seu coração, levando-o a ser missionário e ajudante na igreja evangélica. Anos se passaram, e o estudo da teologia tornou-se sua trilha até ser consagrado pastor, com a benção de sua congregação.





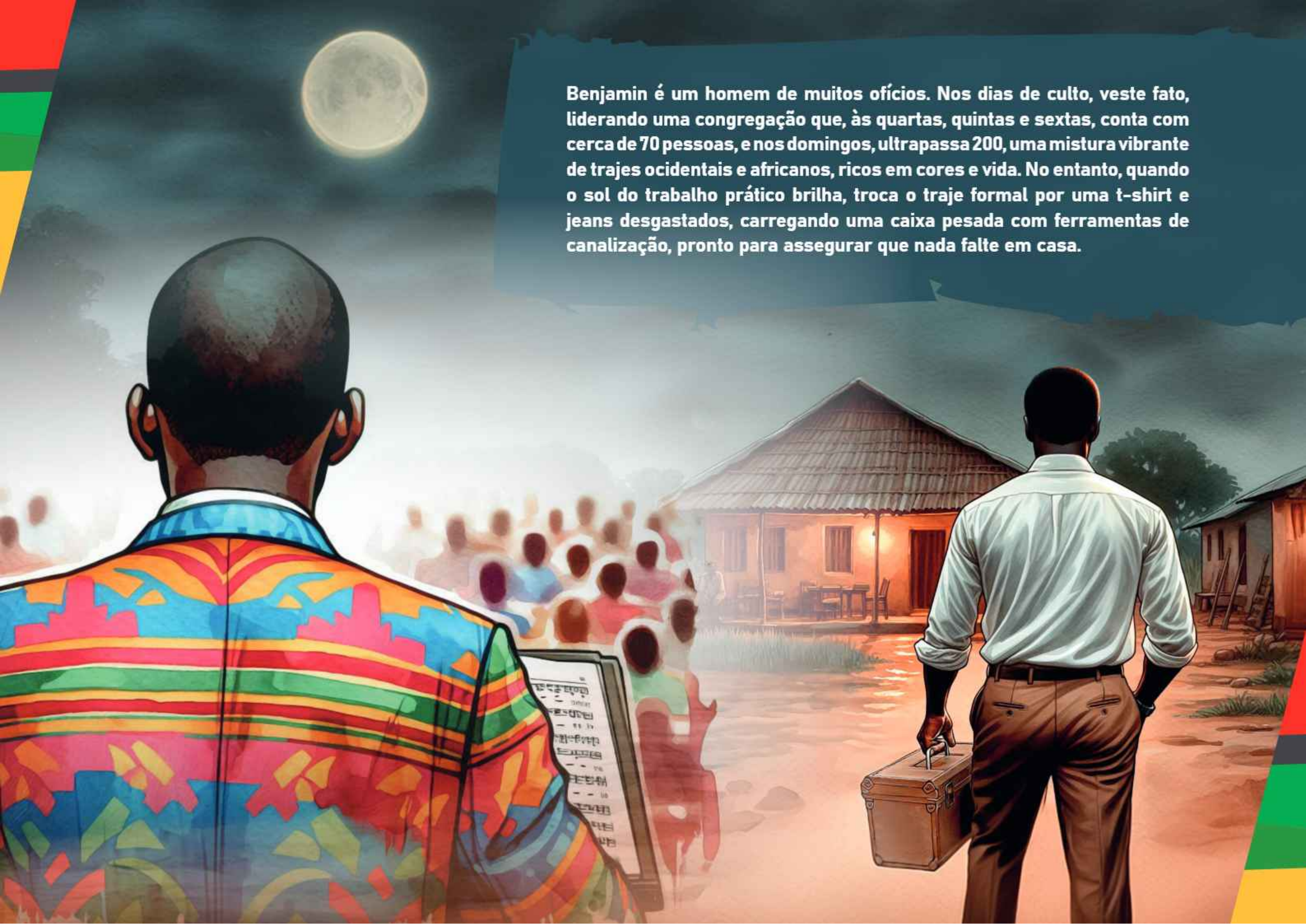
Em Bissau, onde o sol pinta sombras compridas nas ruas poeirentas, Benjamin equilibra os estudos do segundo ano de Direito numa das universidades locais com aulas de inglês, desbravando novos horizontes. Ao amanhecer, sua jornada começa com meditação e oração, ritual que infunde propósito ao seu dia. Depois, o chamamento das aulas e das reuniões na associação ou na igreja guia os seus passos. À noite, a igreja o espera, onde ele conduz sessões de oração ou ensina os fiéis com a fervorosa devoção de quem crê no poder transformador da fé.

Nascido e crescido no Ilhéu de Rei, uma pequena jóia no arquipélago das Bijagós, Benjamin conhece bem a dança do mar e o sussurro do vento nas palmeiras. Hoje, ocupa o cargo de secretário executivo da organização Filhos do Ilhéu. Em seu segundo ano de exercício, orgulha-se de um feito grandioso: com a ajuda da organização ESSOR, conseguiu registrar 105 crianças, dos 0 aos 13 anos. Esse projeto nasceu da necessidade de amparar aqueles que não podiam arcar com os custos do registro civil. Sonha ainda em estender o registro a crianças de 14 anos ou mais, mas a falta de apoio mantém esse sonho em suspenso.

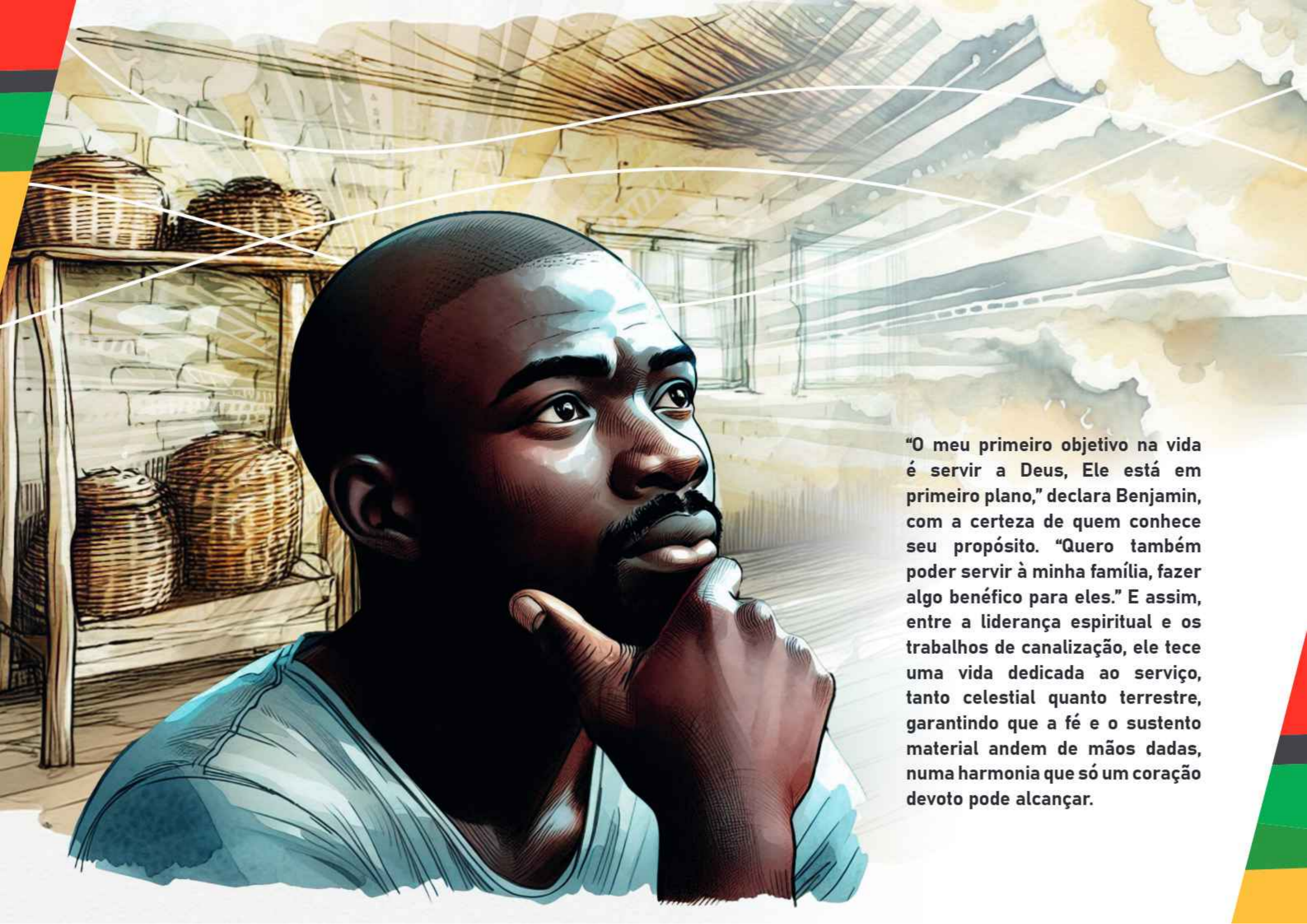




O ano passado trouxe consigo a primeira edição do Festival do Ilhéu de Rei, em maio, uma celebração que teceu novas memórias e laços entre os habitantes. Este ano, a tradição continua com a segunda edição. Um dos momentos de maior orgulho foi a restauração da bomba de água da fábrica Gouveia, uma estrutura que jazia inerte há anos. Com a ajuda do programa landa Guiné!, a bomba voltou a funcionar, garantindo água potável à comunidade.



Benjamin é um homem de muitos ofícios. Nos dias de culto, veste fato, liderando uma congregação que, às quartas, quintas e sextas, conta com cerca de 70 pessoas, e nos domingos, ultrapassa 200, uma mistura vibrante de trajes ocidentais e africanos, ricos em cores e vida. No entanto, quando o sol do trabalho prático brilha, troca o traje formal por uma t-shirt e jeans desgastados, carregando uma caixa pesada com ferramentas de canalização, pronto para assegurar que nada falte em casa.



“O meu primeiro objetivo na vida é servir a Deus, Ele está em primeiro plano,” declara Benjamin, com a certeza de quem conhece seu propósito. “Quero também poder servir à minha família, fazer algo benéfico para eles.” E assim, entre a liderança espiritual e os trabalhos de canalização, ele tece uma vida dedicada ao serviço, tanto celestial quanto terrestre, garantindo que a fé e o sustento material andem de mãos dadas, numa harmonia que só um coração devoto pode alcançar.





**Ianda
Guiné!**

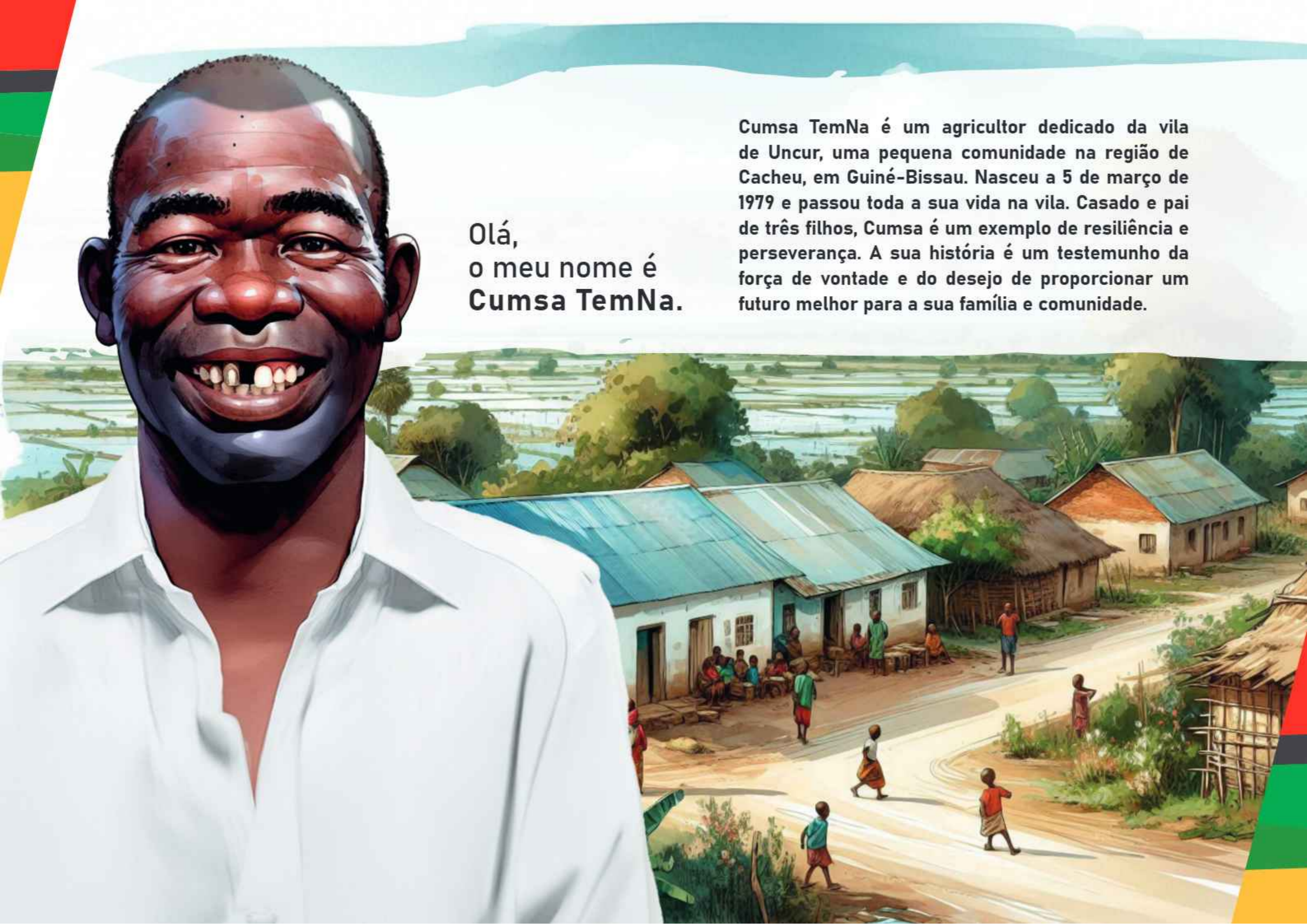


Financiado pela
União Europeia



Cumsa TemNa

Um Agricultor de Esperança e Determinação

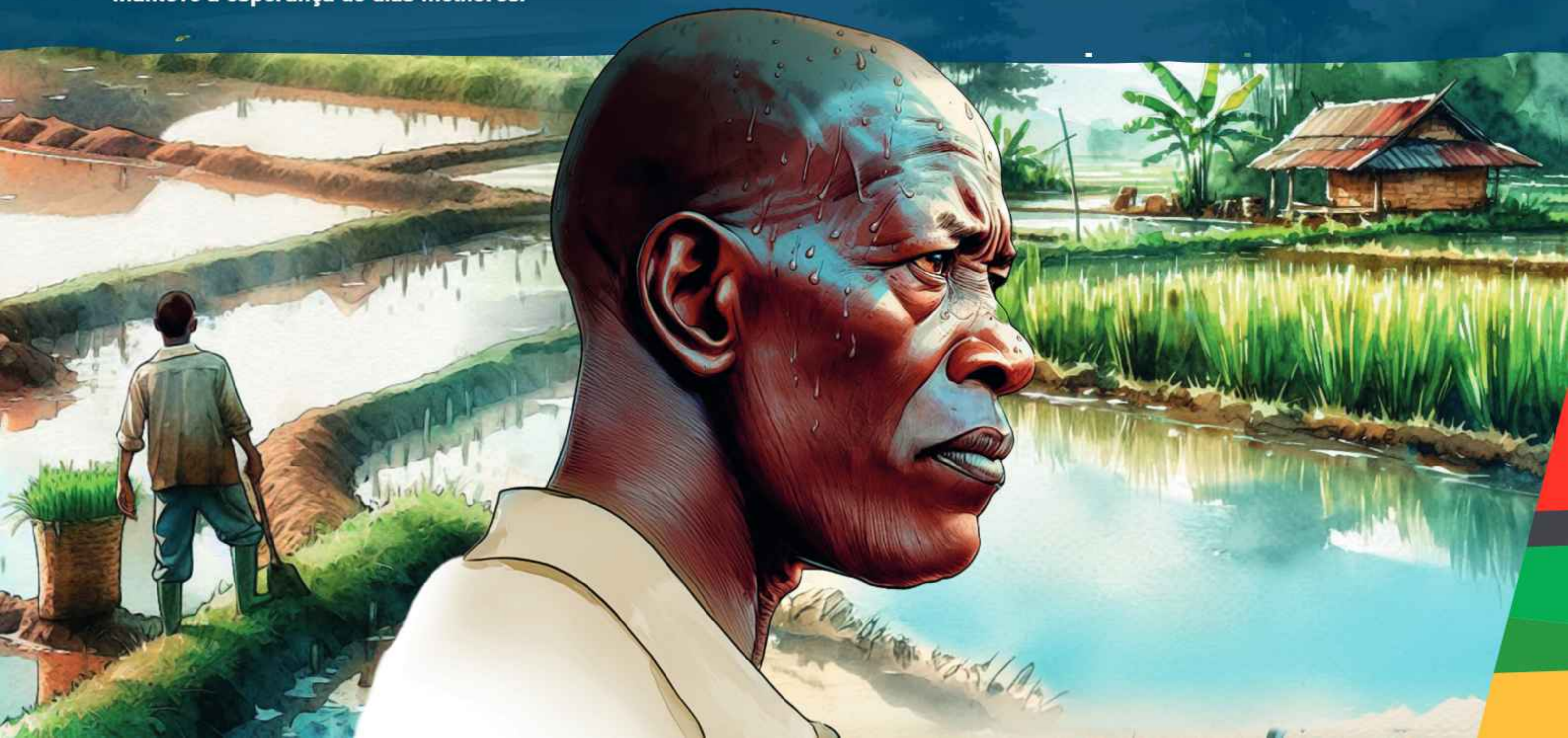



Olá,
o meu nome é
Cumsa TemNa.

Cumsa TemNa é um agricultor dedicado da vila de Uncur, uma pequena comunidade na região de Cacheu, em Guiné-Bissau. Nasceu a 5 de março de 1979 e passou toda a sua vida na vila. Casado e pai de três filhos, Cumsa é um exemplo de resiliência e perseverança. A sua história é um testemunho da força de vontade e do desejo de proporcionar um futuro melhor para a sua família e comunidade.

Crescendo em Uncur, Cumsa aprendeu desde cedo a importância da agricultura. A vida na vila era marcada pela luta constante contra as adversidades, especialmente as dificuldades em cultivar arroz suficiente para sustentar a família. As bolanhas, campos alagados onde se cultivava arroz, eram frequentemente infiltradas por água salgada, comprometendo a colheita. No entanto, Cumsa sempre manteve a esperança de dias melhores.

Quando o projeto de desenvolvimento agrícola chegou à vila, Cumsa estava cético, como muitos outros agricultores. Ele estava na bolanha, reconstruindo diques para impedir a infiltração de água salgada. Mas tudo mudou quando Cabi, o primeiro a receber sementes do projeto, teve uma produção abundante. Inspirado pelos resultados, Cumsa decidiu aderir ao projeto.



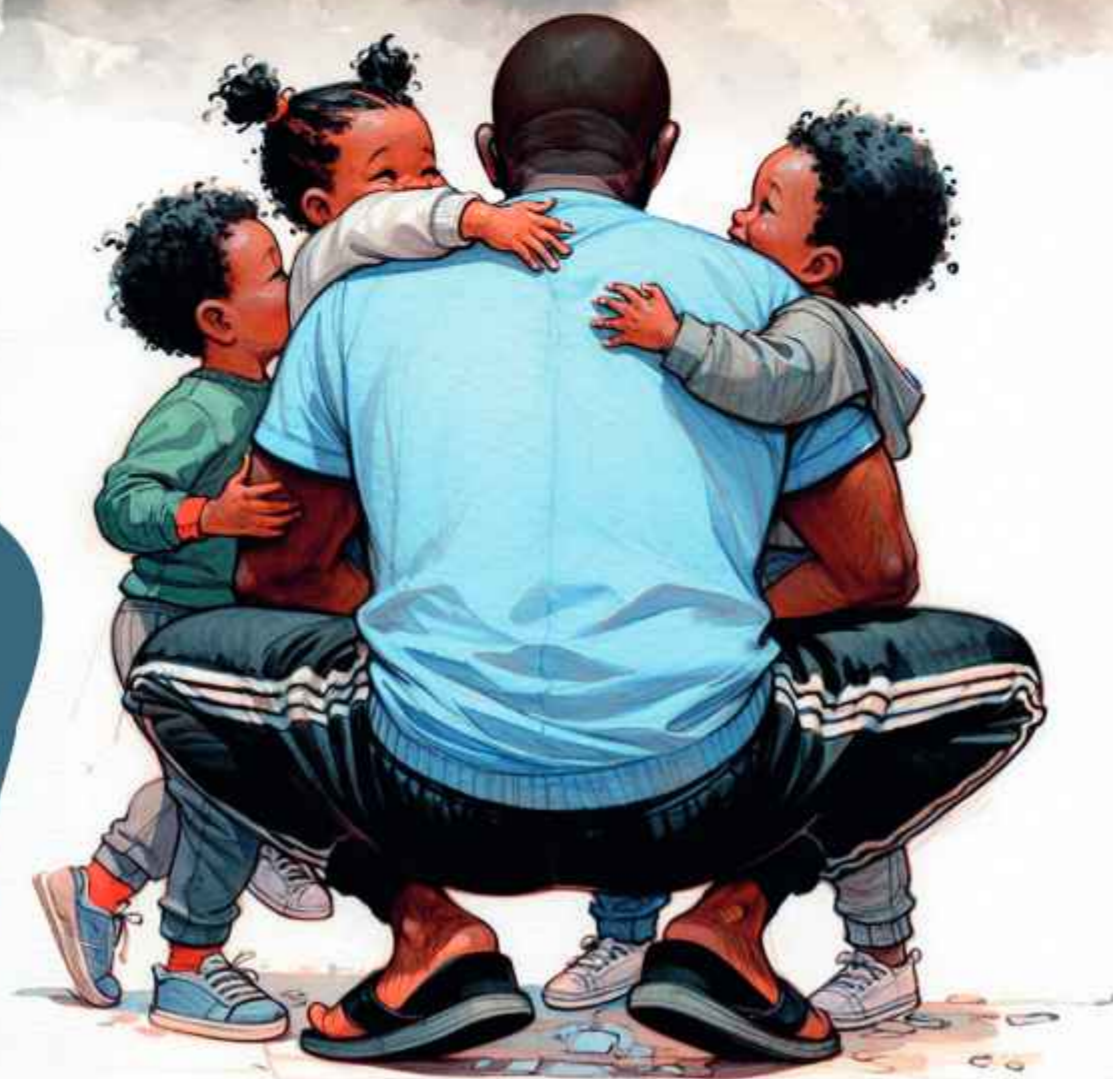


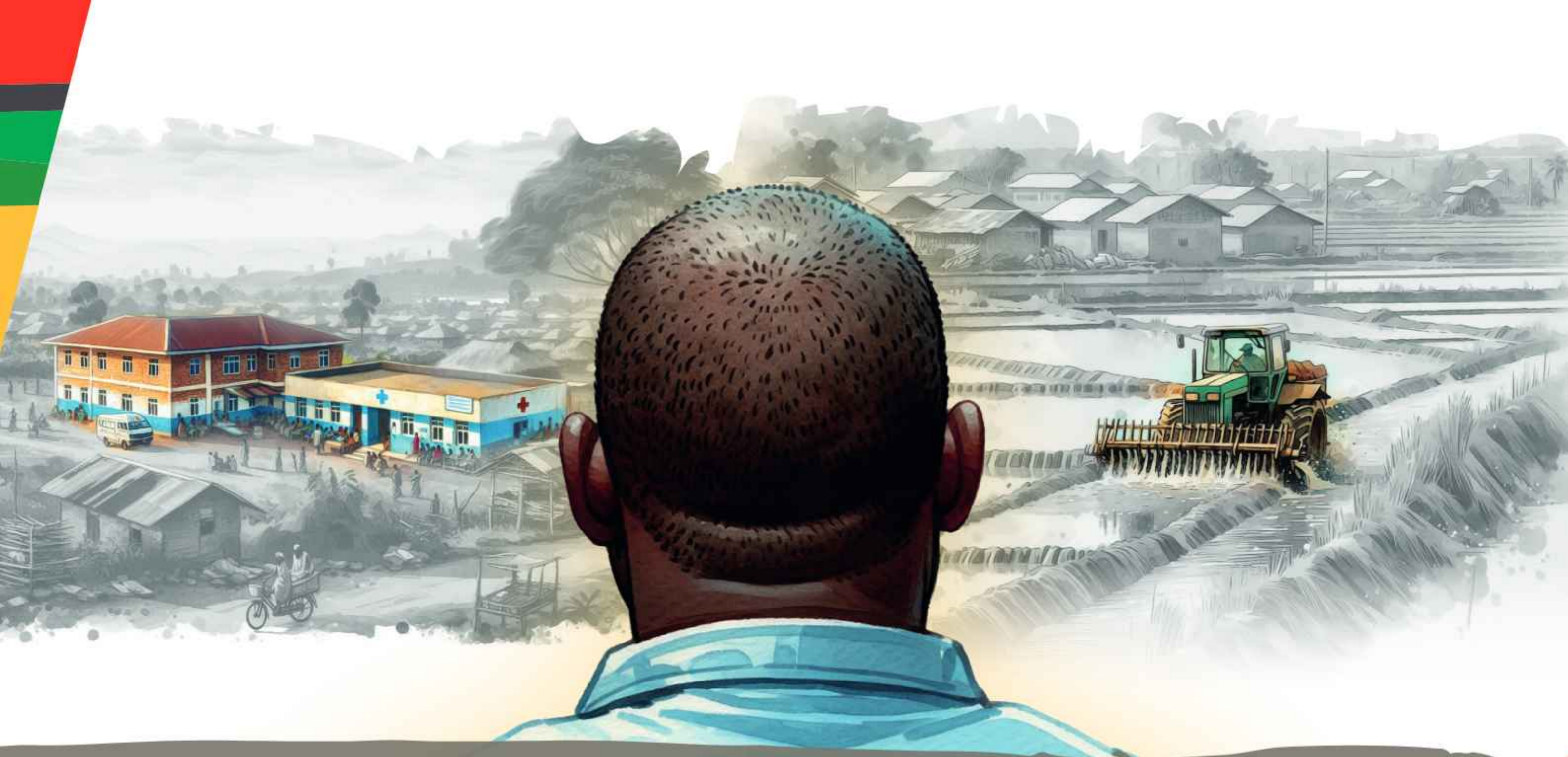
Desde então, a vida de Cumsa mudou significativamente. “Antes não tínhamos arroz suficiente para um mês, mas agora temos até à próxima colheita,” diz Cumsa com gratidão. Com a ajuda do projeto, ele recebeu sementes de variedades de arroz que crescem mais rapidamente, permitindo uma colheita antes que a água nas bolanhas seque. Esta mudança crucial resultou em colheitas abundantes, suficiente não apenas para o consumo, mas também para a venda.



Cumsa usou os rendimentos das vendas de arroz para investir em máquinas de descasque, o que aumentou a eficiência da produção. “Comprei máquinas de descasque para processar o meu arroz para consumo e venda,” explica. A renda adicional permitiu-lhe melhorar as condições de vida da sua família e investir na educação dos seus filhos.

Como chefe de família, Cumsa tem a responsabilidade de garantir o bem-estar dos seus três filhos: Major, o mais novo, Bedam Santa, o mais velho, e Catia, a filha do meio. Ele trabalha incansavelmente para proporcionar uma vida melhor para eles. Além do cultivo de arroz, Cumsa planta bananas e cria porcos e cabras, vendendo-os para gerar mais renda. “Quando chega a época das festas, compramos roupa nova para as crianças e celebramos juntos,” diz ele com um sorriso.





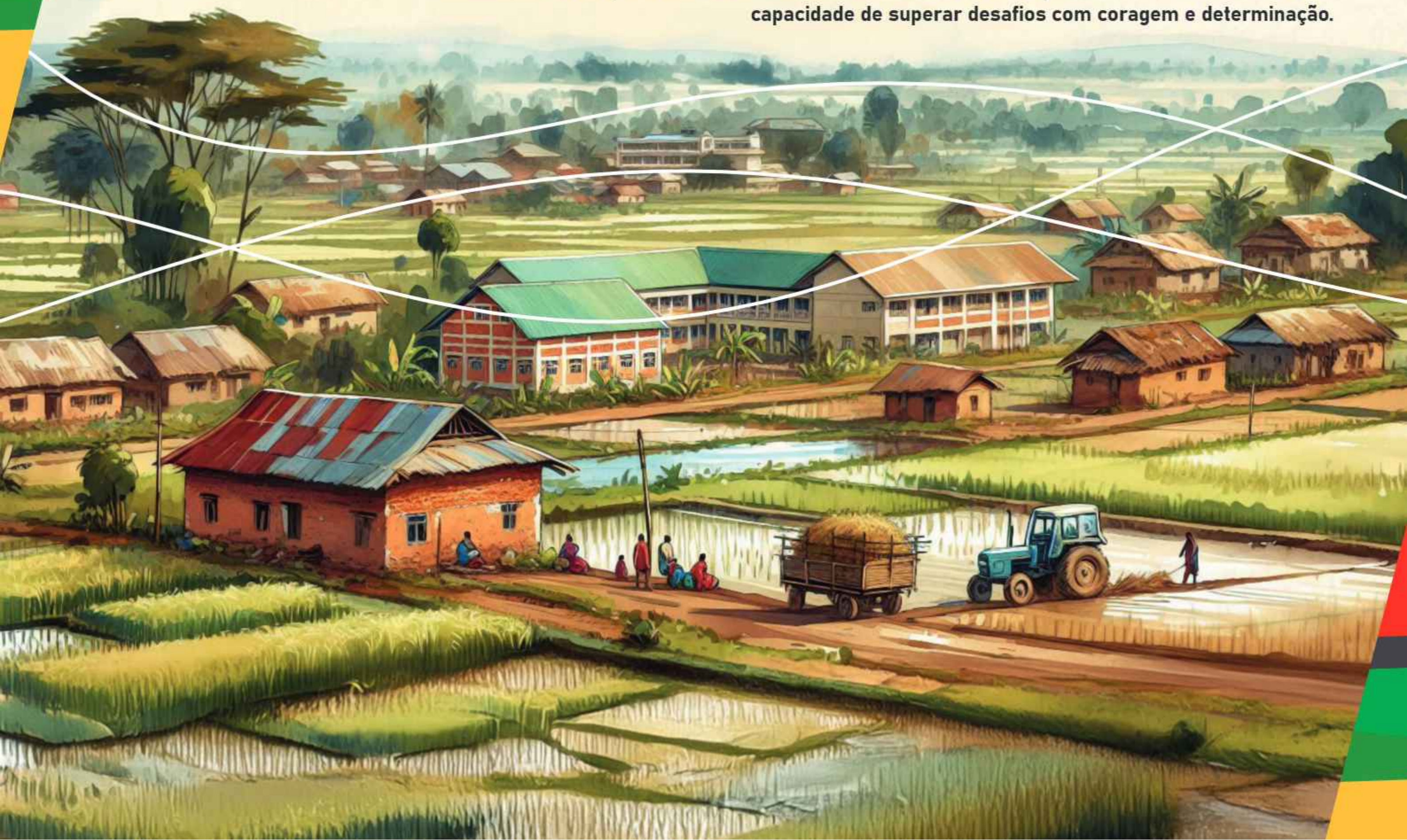
Apesar dos avanços, Cumsa reconhece que ainda há desafios a serem superados. A comunidade de Uncur precisa urgentemente de um centro de saúde para facilitar o acesso a cuidados médicos. “Se tivéssemos um hospital aqui, seria muito melhor,” afirma Cumsa, preocupado com a saúde da sua família e da comunidade.

Cumsa também aspira a tornar-se mais independente do projeto de desenvolvimento. Ele acredita que, com um trator e diques reforçados, a comunidade pode proteger melhor as suas bolanhas contra a água salgada. “Se conseguirmos fechar esse dique, seremos mais independentes,” explica.

“Quando vendemos arroz, temos dinheiro para comprar cimento e mais produtos,” conta Cumsa, orgulhoso das realizações coletivas.



Cumsa TemNa é um homem de esperança e determinação. A sua vida é um exemplo inspirador de como a perseverança e o trabalho árduo podem transformar uma comunidade. Ele continua a sonhar com um futuro onde a sua família e a sua comunidade possam prosperar de forma sustentável e independente. A história de Cumsa é uma celebração da resiliência humana e da capacidade de superar desafios com coragem e determinação.







Financiado pela
União Europeia

The background is a colorful illustration of a vegetable field. In the foreground, there are rows of green leafy plants, likely lettuce or cabbage, growing in brown soil. In the background, there is a simple brown barn with a white roof. At the bottom right, there is a cluster of red tomatoes. The entire scene is overlaid with large, semi-transparent geometric shapes in red, white, green, and yellow.

Elvira Baticã Ferreira

Um incentivo para trabalhar mais



Olá,
o meu nome é
Elvira Baticã.

A história de Elvira Baticã Ferreira começa numa pequena comunidade de Bissorã, onde a vida é dura e as oportunidades são raras. Elvira sempre foi uma jovem cheia de potencial, mas com poucas chances de expressar todo o seu talento. A sua mãe, percebendo isso, decidiu tomar uma atitude que mudaria a vida da filha para sempre.



Elvira, inicialmente receosa, aceitou o desafio. Partiu para Bissorã, onde começou a sua jornada como aprendiz de agricultora. A formação foi intensa, especialmente porque boa parte foi feita à distância devido à pandemia de COVID-19. No entanto, Elvira nunca desanimou. Acordava todos os dias às seis horas da manhã e, às nove, já estava pronta para as aulas. Apesar das dificuldades, especialmente no início, Elvira se destacou pela sua determinação e vontade de aprender.

Quando a equipa do Ianda Guiné chegou à comunidade anunciando vagas para um curso de animador de hortas de mulheres, a mãe de Elvira viu ali uma oportunidade. Sem hesitar, inscreveu a filha para o curso de seis meses, que seria realizado em Bissorã. Este curso oferecia formação em horticultura, fruticultura e nutrição, uma chance única para Elvira aprender novas habilidades e, quem sabe, transformar sua vida e a vida de muitas outras mulheres.





Durante o curso, Elvira tinha que lidar com diversas responsabilidades, tanto em casa como na escola. Em sua casa, composta por 13 pessoas, incluindo seus pais, sete irmãos, três meio-irmãos e sua própria filha pequena, Elvira desempenhava um papel crucial. No campo, aprendia tudo que podia, sempre perguntando ao animador ou ao professor quando tinha dúvidas. Entre as três alunas que começaram o curso, Elvira foi a única que não desistiu.

A formação não foi fácil. Elvira enfrentou muitos desafios, incluindo a falta de água, apesar de uma fonte ter sido recentemente limpa. No entanto, sua determinação a manteve firme. Ela incentivava suas colegas da horta, sempre lembrando que o importante era trabalhar em conjunto, independentemente do grau de parentesco ou das dificuldades.



Para Elvira, a agricultura é mais do que um meio de subsistência. É a base de tudo. Ela acredita que, com os materiais adequados, é possível desenvolver o país. Aprendeu que o trabalho duro na agricultura não só produz alimento saudável, mas também pode ser uma fonte de saúde e renda.

Após concluir o curso, Elvira voltou à sua comunidade com um novo propósito. Junto com outras mulheres, limpou troncos e raízes do campo e começou a cultivar. No primeiro ano, a colheita foi quase nula, mas elas não desistiram. No segundo ano, a colheita melhorou um pouco e, em 2022, o esforço finalmente rendeu bons frutos. Plantaram cebola, alface, repolho, berinjela, djagatu, pimenta, succumbembe e tomate. O tomate e o succumbembe se destacaram, trazendo um sorriso ao rosto de Elvira; “Este é o incentivo para trabalhar ainda mais”, pensou.



Com o conhecimento adquirido, Elvira agora lidera uma associação chamada Agratilar. Ela entende a importância de escolher bem com quem trabalhar e valoriza o trabalho em equipe. Na feira, vende os legumes que colhe em seu canteiro, o que a ajuda significativamente. Elvira também enfatiza a importância de métodos naturais de cultivo, evitando adubos químicos.

Ao olhar para trás, Elvira se sente grata por todas as lições aprendidas. A sua experiência como animadora de hortas não só a ensinou a lidar com plantas e técnicas agrícolas, mas também a desenvolver habilidades interpessoais e de liderança. Hoje, ela se sente confiante para falar em público e motivar outras mulheres a seguir o mesmo caminho.

A história de Elvira Baticã Ferreira é um testemunho inspirador de como a educação e a determinação podem transformar vidas. Ela prova que, mesmo em meio às adversidades, é possível crescer, aprender e fazer a diferença na comunidade.







**Ianda
Guiné!**

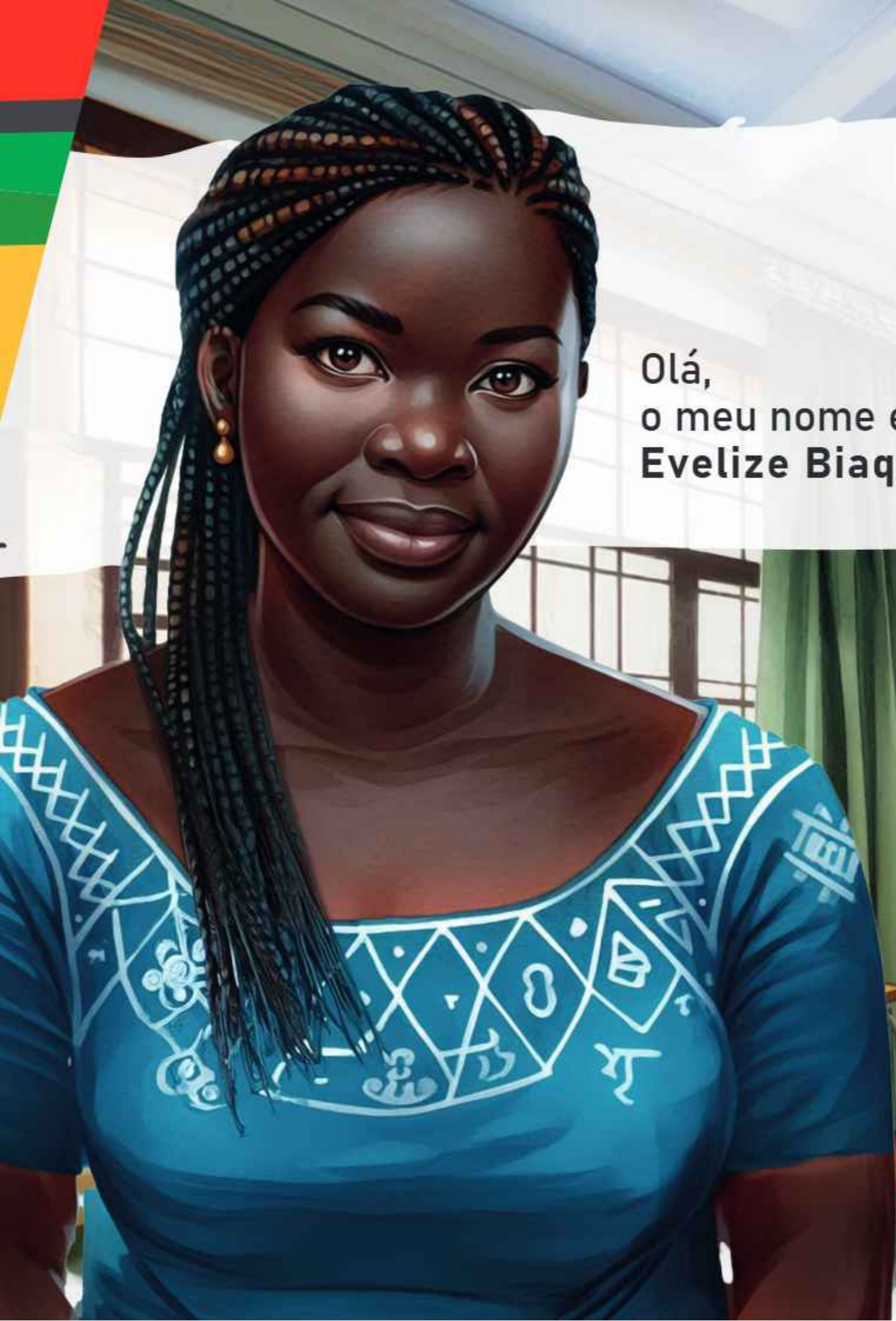


Financiado pela
União Europeia



Evelize Biaque

Com a esperança de que uma porta abre sempre a outra



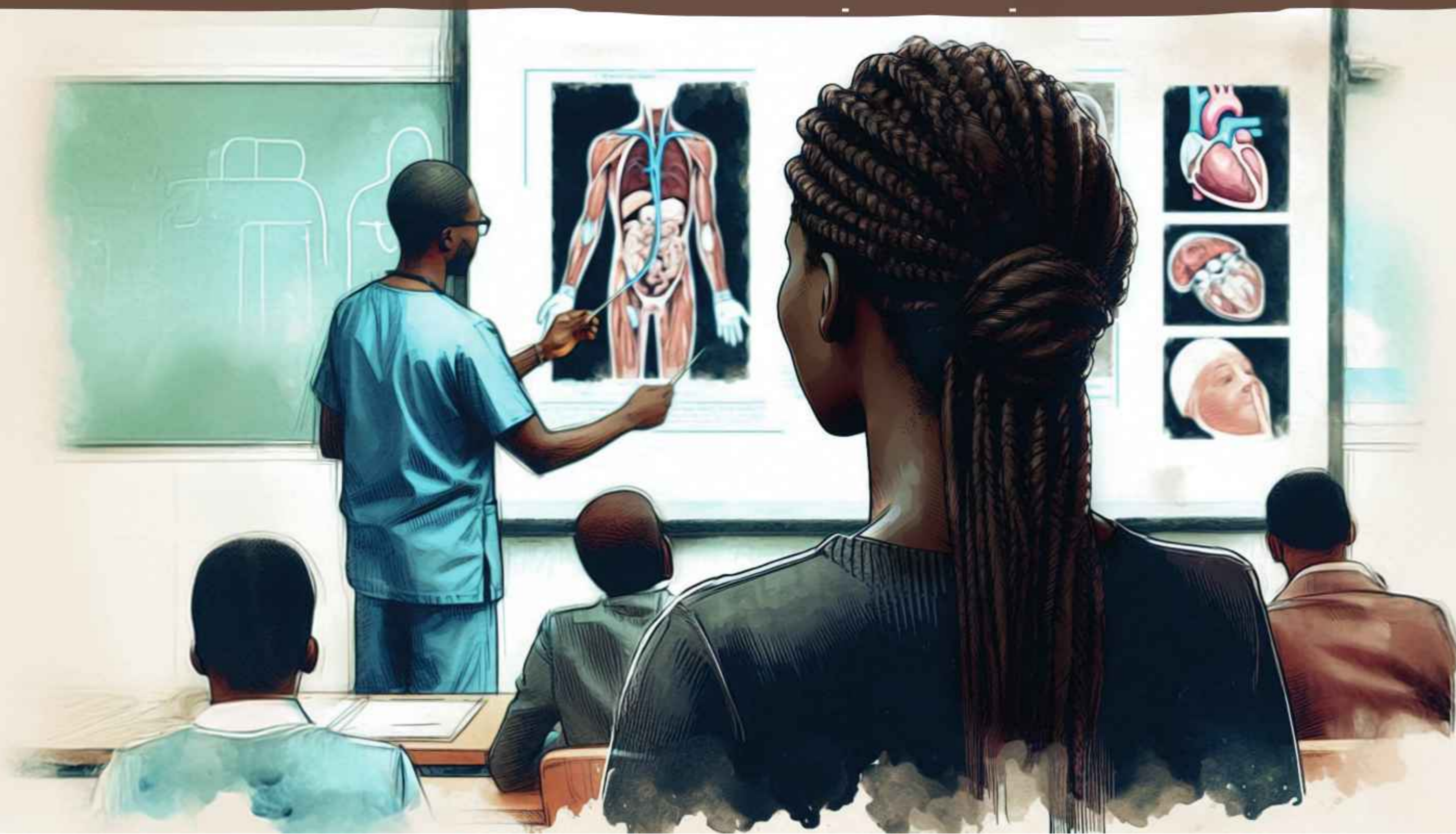
Olá,
o meu nome é
Evelize Biaque.

Eu sou Evelize Biaque e esta é a minha história, com a alma de quem vive a terra e sonha com um futuro melhor. Cresci em Bissau, onde estudei na Faculdade de Medicina. Comecei o curso em 2010, com passagens pelos centros regionais da faculdade em várias regiões do país. A rotação de internato levou-me de volta a Bissau, onde, em 2016, concluí o curso como médica de clínica geral. A minha jornada levou-me aos estágios no hospital pediátrico de Bór, onde aprendi a lidar com a fragilidade e a força das crianças.



Passei num concurso para trabalhar com médicos espanhóis e, desde 2021, tenho sido uma médica expatriada, viajando para Moçambique, Etiópia e Joanesburgo, na África do Sul. Já são sete anos de experiência acumulada.

O programa Landa Guiné! Saúde trouxe-me uma nova oportunidade, que encontrei no website. Concorri novamente e fui selecionada. As aulas começaram online e depois passaram a ser presenciais. Escolhi especializar-me em anestesia e reanimação, uma área com poucos especialistas. No final do ano, seguiremos para um estágio de seis meses em Portugal.





A minha casa ainda é com os meus pais. Somos cinco: eu, uma irmã e três irmãos. A minha mãe, com o coração aberto e generoso, adotou outras crianças do orfanato onde trabalha, aumentando a nossa família para dez.

As manhãs começam cedo, às 8 horas, no hospital. Discutimos os eventos da madrugada nas diferentes partes clínicas da pediatria no Hospital Nacional Simão Mendes. Como diretora, enfrento as tarefas administrativas, mas a parte clínica continua a ser a minha paixão. Também faço um curso de inglês de duas horas diárias no Centro de Jovens para Cristo, conhecido por Jack, e só volto para casa por volta das 9 da noite.

Os desafios são imensos. Faltam-nos meios para diagnósticos rápidos e a comunicação entre colegas nem sempre é fácil. A pediatria, com mais de 4 unidades e 600 camas, requer uma gestão complexa, e lidar com a perda de crianças por falta de recursos é devastador. No entanto, sempre busco um plano B para cada situação.

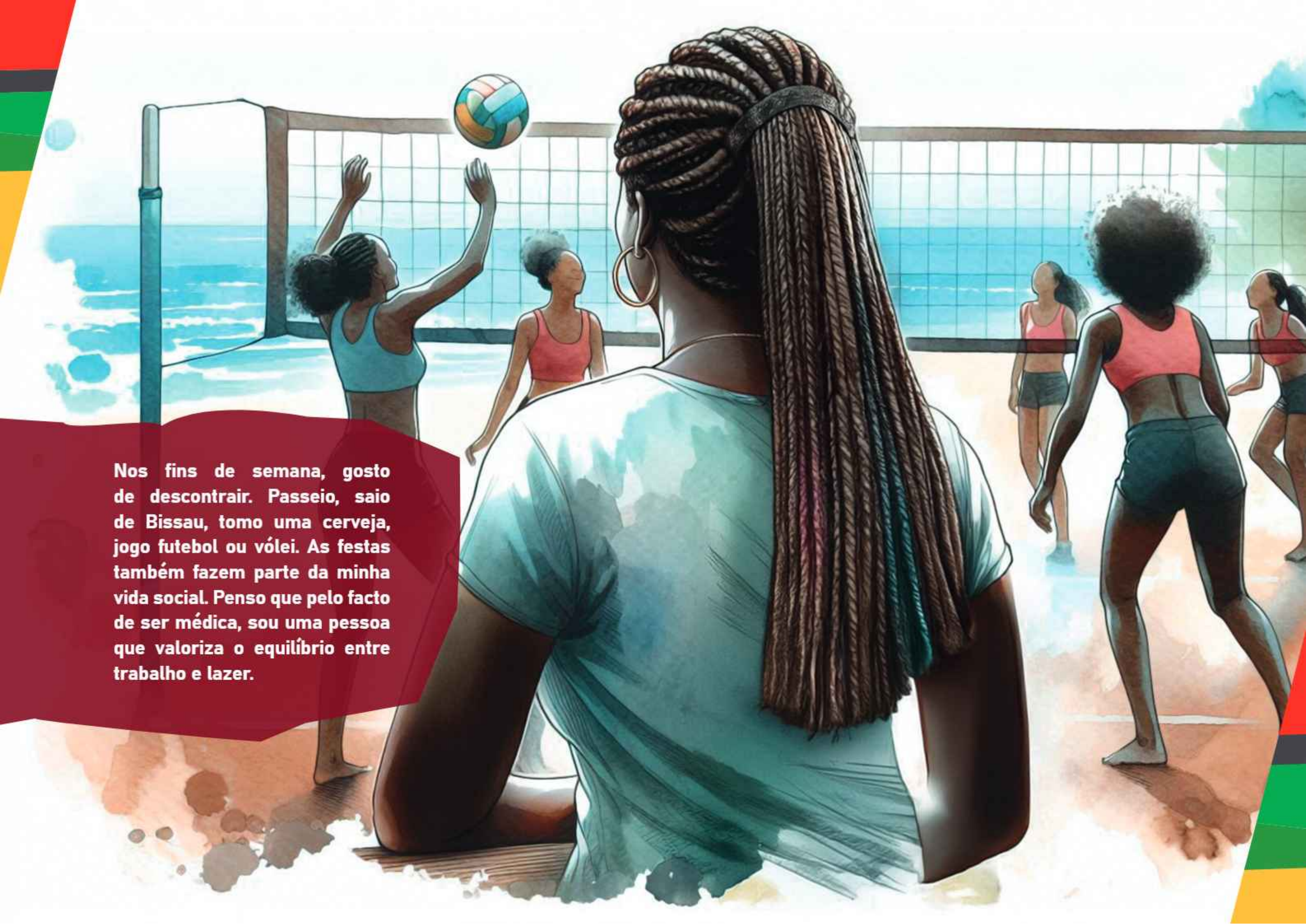
Na pediatria, trabalho com antigos colegas da faculdade. Alguns são mais velhos, outros mais novos, alguns do meu ano de formatura, mas todos colaborativos e dedicados. Conflitos são inevitáveis, mas a humildade e a cooperação têm prevalecido.




Durante a formação, o nível de português foi intensificado porque as aulas eram em português e espanhol. Tive formadores excelentes, especialmente em anestesia. Este curso foi transformador, não só na prática clínica, mas também na comunicação com pacientes e colegas. A precariedade na saúde do nosso país é uma realidade dura. Desejo que o projeto continue, pois é um passo importante. Em janeiro, com a parceria da Fundação Calouste Gulbenkian, vamos para Braga, Portugal, para concluir a última fase do curso.

O meu sonho é fazer mais uma especialização e criar um projeto de assistência gratuita, inspirado pelo trabalho da minha mãe no orfanato. Quero ajudar os mais necessitados, oferecendo primeiros socorros e melhorando a evacuação e estabilização de pacientes.



An artistic illustration of a woman with long, dark braids tied back, wearing a light blue t-shirt and large hoop earrings. She is seen from behind, looking towards a beach volleyball court. In the background, several other women are playing volleyball on a sandy beach. One woman in a light blue top is reaching up to hit a ball. The scene is set against a backdrop of a bright blue sky and ocean. The overall style is a soft, painterly illustration with visible brushstrokes.

Nos fins de semana, gosto de descontraír. Passeio, saio de Bissau, tomo uma cerveja, jogo futebol ou vólei. As festas também fazem parte da minha vida social. Penso que pelo facto de ser médica, sou uma pessoa que valoriza o equilíbrio entre trabalho e lazer.



Agradeço a oportunidade de partilhar a minha história; agradeço ao Instituto Camões, à Fundação Calouste Gulbenkian e ao landa Guiné! por esta oportunidade. Encorajo todos os médicos a procurarem informação, participarem e concorrerem a oportunidades como esta. Somos capazes de mudar o nosso país, de concretizar o sonho de uma Guiné-Bissau com uma saúde robusta e repleta de especialistas. E assim, seguimos em frente, com a esperança de que uma porta aberta leve sempre a outra.





Financiado pela
União Europeia



Fatumata Camara

Cada gota conta




Olá,
o meu nome é
Fatumata Camara.

Olá, a todos. Meu nome é Fatumata Camara, tenho 25 anos e sou licenciada em Serviços Sociais pela Universidade Lusófona. Atualmente, sou a presidente do FINSJOR, o Fórum de Intervenção Social de Jovens Raparigas, uma organização que trabalha incansavelmente para promover os direitos das raparigas.

Nós, no FINSJOR, acreditamos que a escola, por si só, não é suficiente. A nossa organização ensina, de forma não formal, assuntos que não são abordados na escola, complementando a educação formal e capacitando as jovens através da interação com pessoas mais experientes. Oferecemos-lhes oportunidades de adquirir diversas aptidões e trabalhamos com os pais para sensibilizá-los sobre a importância da educação dos filhos e para promover a inserção em outros meios sociais. Além disso, auxiliamos na tomada de decisões.



Landa
Guiné!



O FINSJOR intervém principalmente no Bairro Militar, onde residem os nossos membros e onde está o nosso escritório, embora também realizemos atividades em outros bairros. Quando soubemos que o IG! Djunto tinha uma subvenção para Organizações da Sociedade Civil, inscrevemo-nos imediatamente, juntamente com outras organizações. Candidatei-me como membro do FINSJOR e, após ser selecionada, fiz um estágio de 6 meses com o Landa Guiné! Djunto. Aprendi muito e apaixonei-me pelo trabalho da Djunto, conseguindo várias oportunidades.

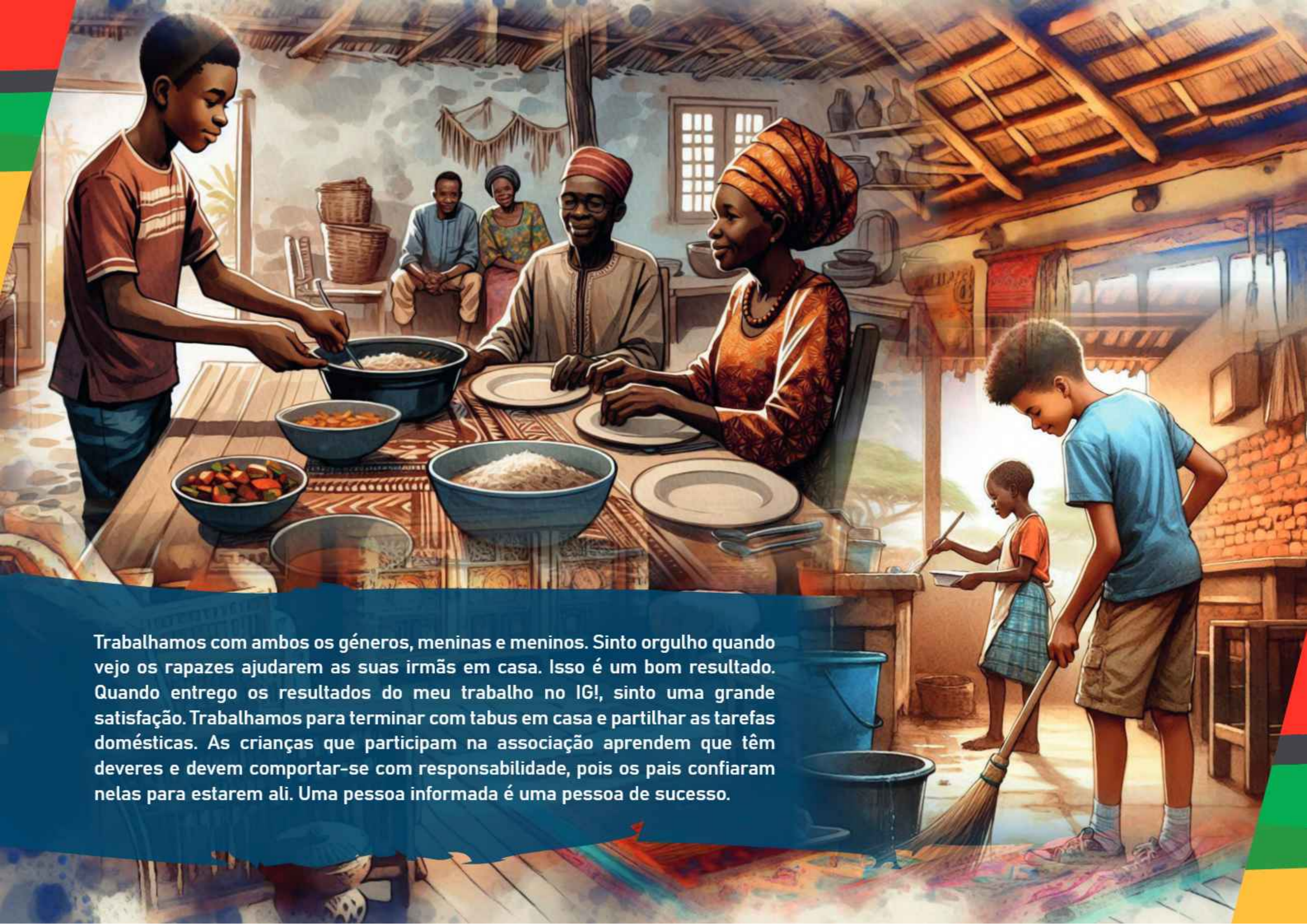


Eu vivo com a minha tia, pois o meu tio faleceu. Sou órfã de mãe e pai e fiquei sob a responsabilidade do meu tio quando ainda era muito nova. Agora vivo com a minha tia e tenho dois irmãos mais velhos e um mais novo. Os meus pais são de Bissorã, mas foram trabalhar em Farim, onde nasci. Regressamos a Bissau antes de eu completar 2 anos, e sinto que sou de Bissau, onde fiz toda a minha vida.

Atualmente, a minha principal responsabilidade é cuidar da minha organização. No meu dia-a-dia, respondo a e-mails, trabalho em relatórios até as 16h e, em seguida, vou às aulas de inglês do Centro de Jovens para Cristo, conhecido como JACK, na Aldeia SOS. Nos finais de semana, lavo a minha roupa e, à tarde, participo das reuniões plenárias do FINSJOR. Muitas vezes, represento a organização em outros fóruns e reuniões. Tenho uma agenda muito cheia.



Os maiores desafios que enfrento no FINSJOR estão relacionados com questões de género. Há muito a ser feito, especialmente trabalhando com os pais para que confiem e deixem as meninas participarem nas reuniões. Assumo a responsabilidade de ajudar tanto as meninas quanto os meninos a participarem. Sensibilizamos os pais para dividir as tarefas domésticas de forma igual entre raparigas e rapazes, enquanto incentivamos a participação no associativismo, visando ajudar nas futuras tomadas de decisão dos jovens. Falamos sobre os perigos da gravidez precoce, as suas consequências e damos exemplos concretos de casos reais. É importante entender a responsabilidade de ter uma criança.



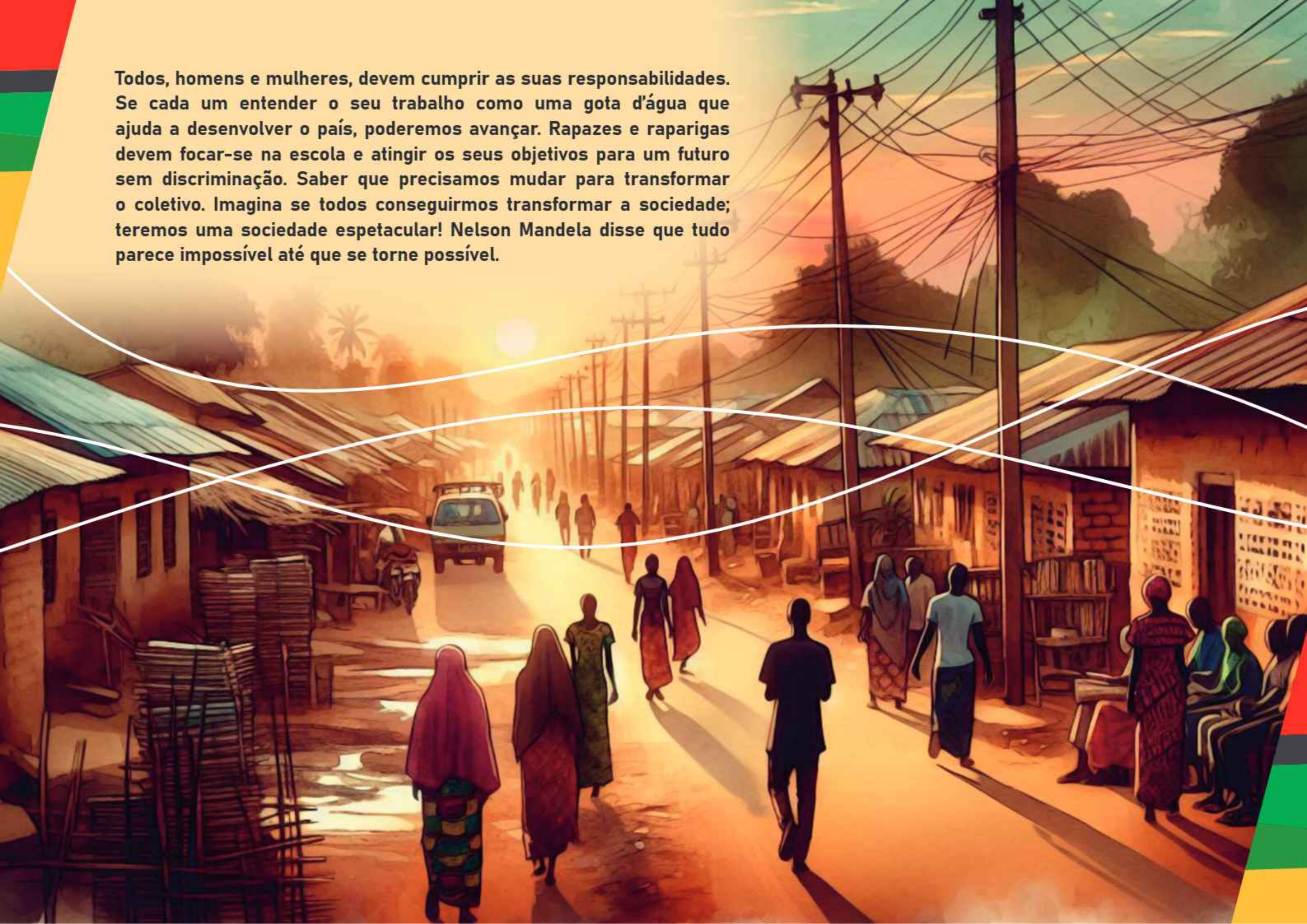
Trabalhamos com ambos os géneros, meninas e meninos. Sinto orgulho quando vejo os rapazes ajudarem as suas irmãs em casa. Isso é um bom resultado. Quando entrego os resultados do meu trabalho no IGI!, sinto uma grande satisfação. Trabalhamos para terminar com tabus em casa e partilhar as tarefas domésticas. As crianças que participam na associação aprendem que têm deveres e devem comportar-se com responsabilidade, pois os pais confiaram nelas para estarem ali. Uma pessoa informada é uma pessoa de sucesso.



Entendo perfeitamente as nossas crianças, pois vivi na casa dos meus tios, onde havia muitas regras a seguir. Muitas vezes, os mais velhos não querem o nosso pior, mas praticam um protecionismo excessivo. Entrei no FINSJOR a convite da minha prima. Eu era muito tímida (ainda sou), e no início era difícil participar nas reuniões. Fiquei calada, ouvindo as pessoas falar e contribuir, e o compromisso com a comunidade foi inspirador. Ganhei confiança aos poucos, assumi mais responsabilidades, errei, fui corrigida, aprendi e cresci. Hoje, graças aos meus mentores, estou mais confiante e faço o mesmo pelos membros da minha organização. Elas podem ligar-me a qualquer hora, e se eu não estiver no trabalho ou nas aulas, atendo. Elas falam comigo sobre assuntos pessoais que não se sentem à vontade para discutir em casa.

Este ano, vou concluir a minha licenciatura e espero conseguir um emprego antes de iniciar o mestrado e construir a minha família. O meu maior sonho é, nos próximos 5 a 10 anos, ver 90% das meninas autossuficientes, com uma educação de qualidade, conhecendo os seus direitos e deveres, e sendo quem quiserem ser. Se eu trabalhar bem e ver outras meninas e mulheres a trabalhar bem, a sociedade vai melhorar, e isso vai me trazer paz.

Todos, homens e mulheres, devem cumprir as suas responsabilidades. Se cada um entender o seu trabalho como uma gota d'água que ajuda a desenvolver o país, poderemos avançar. Rapazes e raparigas devem focar-se na escola e atingir os seus objetivos para um futuro sem discriminação. Saber que precisamos mudar para transformar o coletivo. Imagina se todos conseguirmos transformar a sociedade; teremos uma sociedade espetacular! Nelson Mandela disse que tudo parece impossível até que se torne possível.







Financiado pela
União Europeia



Ildo Afonso Lopes Junior

O Estatístico Agrário



Olá,
o meu nome é
Ildo Afonso.

Sou economista de formação, mas meu verdadeiro campo de atuação é a estatística agrícola. Trabalho no Ministério da Agricultura, onde sou responsável pela estatística agrícola. Sou casado e tenho dois filhos. Divido a mesma casa com meus irmãos, que moram no apartamento ao lado.

Durante a semana, meus dias são passados no Ministério da Agricultura, localizado no Palácio do Governo. Minha rotina envolve preparar relatórios, coordenar colegas e seguir os termos de referência do meu trabalho. No fim do dia, gosto de relaxar assistindo filmes, especialmente aqueles com um teor educativo. Além disso, sou um ávido fã de futebol e, como um sportinguista fervoroso, nunca me canso de assistir aos jogos. Na juventude, fui jogador de futebol e atuei pelo Sporting de Bissau, onde conquistei vários títulos antes de partir para a Ucrânia para estudar agricultura.





Implementamos um sistema permanente de recolha de dados com o apoio da Suécia e do PNUD, que durou até o início da guerra civil. Após a guerra, ficamos sem parceiros, tornando a continuidade dos inquéritos agrícolas um desafio devido ao alto custo. Apesar disso, nos esforçamos para fazer estimativas com os dados disponíveis e realizamos previsões agrícolas.

Minha carreira em estatística agrícola começou em 1989, durante o segundo recenseamento geral agrícola do país, uma tarefa monumental inicialmente iniciada por Amílcar Cabral. Quando entrei, o recenseamento já estava em fase de conclusão, e eu participei na elaboração do relatório final.





Em 2007, recebemos um impulso significativo através de um projeto da União Europeia, o SISa, que nos permitiu conduzir inquéritos agrícolas por três anos. No entanto, após esse período, ficamos novamente sem apoio financeiro por um longo tempo. Recentemente, a FAO tem nos ajudado a elaborar projetos para angariar fundos, permitindo-nos retomar os inquéritos. Com o apoio técnico da FAO, realizamos testes pilotos, mas ainda há muitas atividades pendentes. A pandemia de COVID-19 impôs restrições que impediram a realização de todas as atividades planejadas. Esperamos obter cinco milhões de dólares após as festas para realizar o terceiro recenseamento agrícola.

A realização de um recenseamento é uma tarefa exaustiva, envolvendo visitas porta a porta para contar todos os animais. Comparado a um inquérito, que se baseia em amostras válidas por dez anos, um recenseamento oferece uma abrangência completa. As estimativas atuais de produção e as condições climáticas ajudam a prever a campanha agrícola. As chuvas, por exemplo, são um indicador crucial para essas previsões.

Tenho uma longa colaboração com o Programa Alimentar Mundial (PAM) e com o projeto landa Guiné!. Trabalhei com Alexandre em um projeto que produziu um documento abrangente sobre três regiões: Bafatá e o sul. Embora não tenhamos conseguido avançar para a fase de implementação por falta de fundos, o documento ainda é uma fonte valiosa de conhecimento sobre essas áreas.



Minha transição de economista para estatístico agrícola foi inesperada, mas gratificante. Gosto de trabalhar com dados, interpretá-los e explicá-los.




Nascido em Cumeré, vivi lá até o quarto ano de escola antes de me mudar para Bissau. Sempre fui uma pessoa calma e os meus amigos são para toda a vida. Mesmo antes da independência, participei em jogos de campeonato júnior em Bissau. Meu sonho sempre foi jogar pelo Sporting, mas inicialmente não consegui entrar. Foi em Bolama que um olheiro me viu jogar e falou com minha mãe, o que aconteceu logo após a morte do meu pai em 1979. Minha mãe permitiu e, depois de jogar por Bolama, fui convidado a integrar o Sporting, onde ganhei taças e campeonatos jogando como defesa central.



Estudar na Ucrânia foi uma experiência desafiadora. O frio intenso e as dificuldades iniciais fizeram com que muitos colegas desistissem, mas minha experiência no Sporting me preparou para lidar com adversidades. Submeti-me a muitas dificuldades com o objetivo de estudar e retornar ao meu país, o que consegui.

Agora, estou quase me aposentando. Se eu conseguir completar este recenseamento como coordenador, estarei satisfeito. Caso ainda precisem de mim, continuarei, mas se não, me prepararei para novas responsabilidades.

A nossa relação com o PAM é excelente, especialmente através do projeto SISSAN, que destacou a conexão entre nutrição e segurança alimentar. O apoio do PAM sempre foi crucial para nossos serviços. O quadro harmonizado, que envolve a participação de países do Sahel, é uma ferramenta valiosa para recolher informações sobre a segurança alimentar. Este trabalho multidisciplinar de uma semana é fundamental para entender os problemas de nutrição no país, e continuamos disponíveis para colaborar com o PAM.

An illustration depicting a professional meeting. In the center, a man in a dark suit and red tie stands and speaks, gesturing with his hands. He is surrounded by several other people in business attire, including a woman with glasses and a man with a beard, who are listening attentively. The background features a large, ornate building with arches and windows, overlaid with various data visualization elements like bar charts, line graphs, and network diagrams. In the bottom left corner, there is a vibrant, stylized illustration of a green agricultural field with rows of crops. The overall style is a mix of realistic illustration and abstract data graphics.

Esta é a minha história, a jornada de um economista que encontrou sua verdadeira paixão na estatística agrícola, dedicando sua vida ao desenvolvimento e à melhoria da agricultura em nosso país.





Financiado pela
União Europeia



Murida do Sul


No Sul do País



Olá,
o meu nome é
Murida Sá.

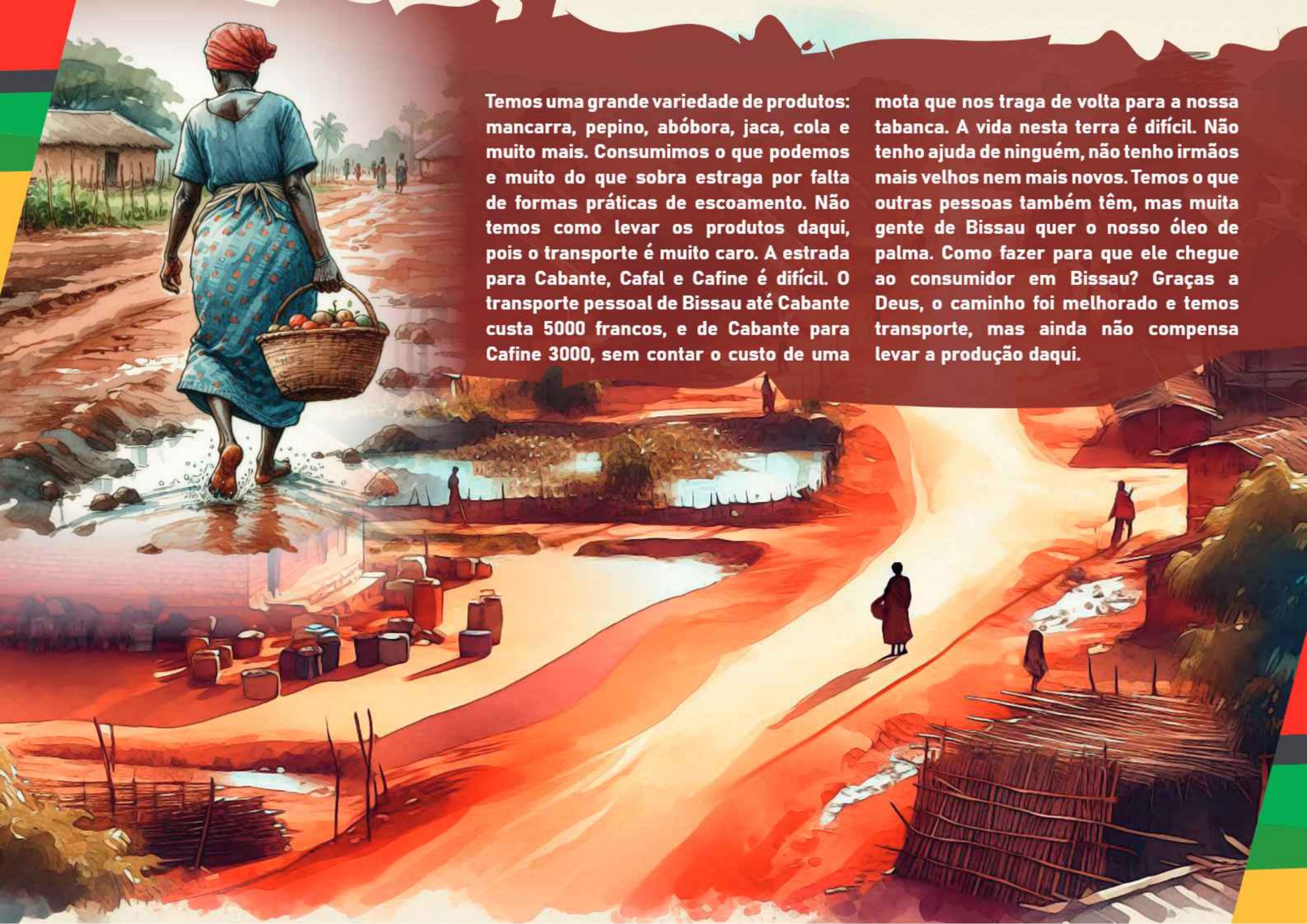
A minha vida é marcada por desafios e pequenas vitórias. Vivemos aqui e trabalhamos arduamente, mas, monetariamente, recebemos pouco em troca. A extração do óleo de palma é nossa principal atividade. Às vezes, mando vender em Bissau, onde vendo entre 700 à 1000 francos o litro. O transporte de um bidão de 25 litros custa 3500 para a capital. Se eu vender aqui, quase não vale nada. Mas lá, há muitas dificuldades, especialmente com o transporte por causa das vias rurais precárias, especialmente na época das chuvas.



A vibrant illustration of a rural village. In the foreground, a woman in a blue dress and red headscarf stands under a large tree, picking fruit into a basket. The village below has many small houses with thatched roofs and a dirt road. In the background, a person is riding a bicycle. The scene is set in a lush, green landscape with a bright sky.

Para além do óleo de palma, faço produção de cola, jaca, manga, limão e caju. Tudo para comer aqui, mas dá para vender fora. Meu pai plantou pomares de cola e de jaca. Ele era de Pecixe e minha mãe é Papel. Vieram para cá durante a guerra colonial. Nasci aqui e sou Manjaco. Prefiro ficar aqui, mesmo após o falecimento dos meus pais. Meu pai deixou um terreno enorme e sou a única herdeira. Meu irmão mais novo foi raptado durante a guerra e nunca mais o vimos.





Temos uma grande variedade de produtos: mancarra, pepino, abóbora, jaca, cola e muito mais. Consumimos o que podemos e muito do que sobra estraga por falta de formas práticas de escoamento. Não temos como levar os produtos daqui, pois o transporte é muito caro. A estrada para Cabante, Cafal e Cafine é difícil. O transporte pessoal de Bissau até Cabante custa 5000 francos, e de Cabante para Cafine 3000, sem contar o custo de uma

mota que nos traga de volta para a nossa tabanca. A vida nesta terra é difícil. Não tenho ajuda de ninguém, não tenho irmãos mais velhos nem mais novos. Temos o que outras pessoas também têm, mas muita gente de Bissau quer o nosso óleo de palma. Como fazer para que ele chegue ao consumidor em Bissau? Graças a Deus, o caminho foi melhorado e temos transporte, mas ainda não compensa levar a produção daqui.

O trabalho nas bolanhas tem melhorado com o projeto de reconstrução dos diques. Mas preocupo-me com os meus pequeninos quando vou à bolanha. Os vizinhos dizem que as condições já estão melhores. Eu ainda não fui lá ver. Tenho parte dos meus filhos e netos aqui. Cuido deles o melhor que posso, aos poucos. Se eu adoecer, preciso melhorar rapidamente para continuar ajudando.

Casei-me aqui. Meu marido ficou muito doente e teve que ir para Bissau para se tratar, já que não há boas condições médicas aqui. Tenho 8 filhos: 3 rapazes e 5 mulheres. Três estão aqui, uma delas ajuda-me a extrair óleo de palma, outra casou-se aqui e a mais nova está comigo. Os outros foram viver para Bissau. Meu filho manda combustível de Bissau em garrafas verdes. Vendemos e enviamos o dinheiro de volta para pagar a escola.





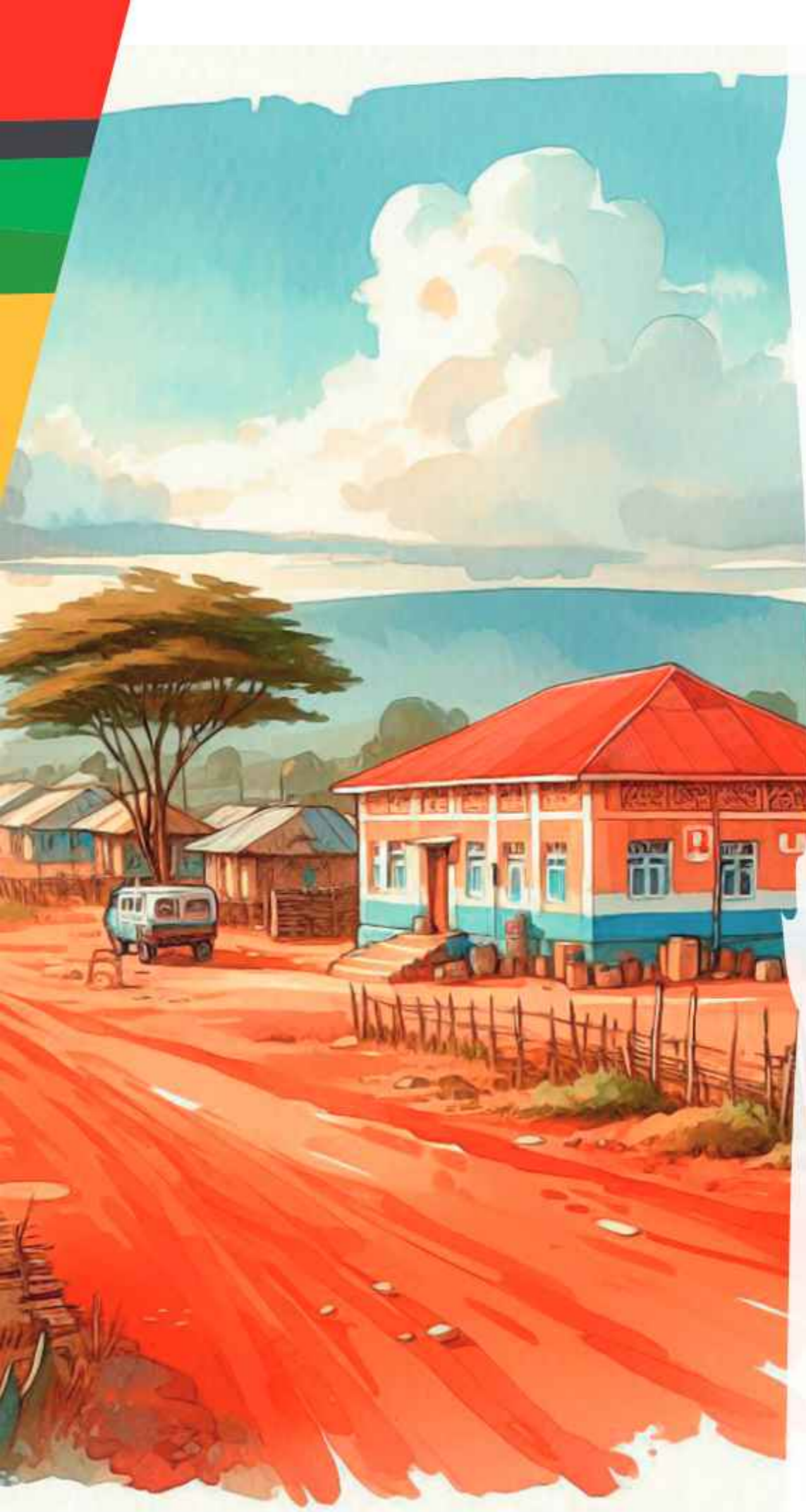
Sou conhecida como Murida do Sul, uma mulher confiante que fala em público sem problemas. O povo quer me escolher para uma função importante no comitê de tabanca, mas não sei se quero. Não quero, porque não querem ouvir a verdade. E depois causa mal-estar, poderia vir a perder amizades, quebrar relacionamentos e depois não teria em quem me apoiar. Prefiro não ter essa responsabilidade.



As transações comerciais aqui são feitas com base nas trocas de produtos. Dependendo das colheitas, podemos trocar produtos uns com os outros. Dantes tínhamos muito peixe grande, muita carne de caça. Mas desde que os projetos de pesca começaram a trabalhar aqui, obtemos apenas pequenos peixes. Já não temos pescadores locais, só estrangeiros. Quando era mais nova, ia ao mar pescar, apanhava tainhas, bentanas e outros peixes enormes. Agora o peixe que apanhamos é pequeno, também apanhamos cacre para comer.

É ainda mais difícil de conseguir carne. Antes, os caçadores traziam carne e vendiam por 200 a 300 francos, mas agora vendem para estrangeiros. Se nós quisermos comprar, fica a 2500 a 3000 francos o quilo, e como vê, a minha família é grande. Um quilo não seria suficiente. Os preços subiram muito. Como substituto de carne ou peixe, usamos folhas de mandioca e de batata, e cozinhamos com pasta de mancarra. Também temos galinhas, mas elas morrem com frequência, especialmente na mudança das estações.



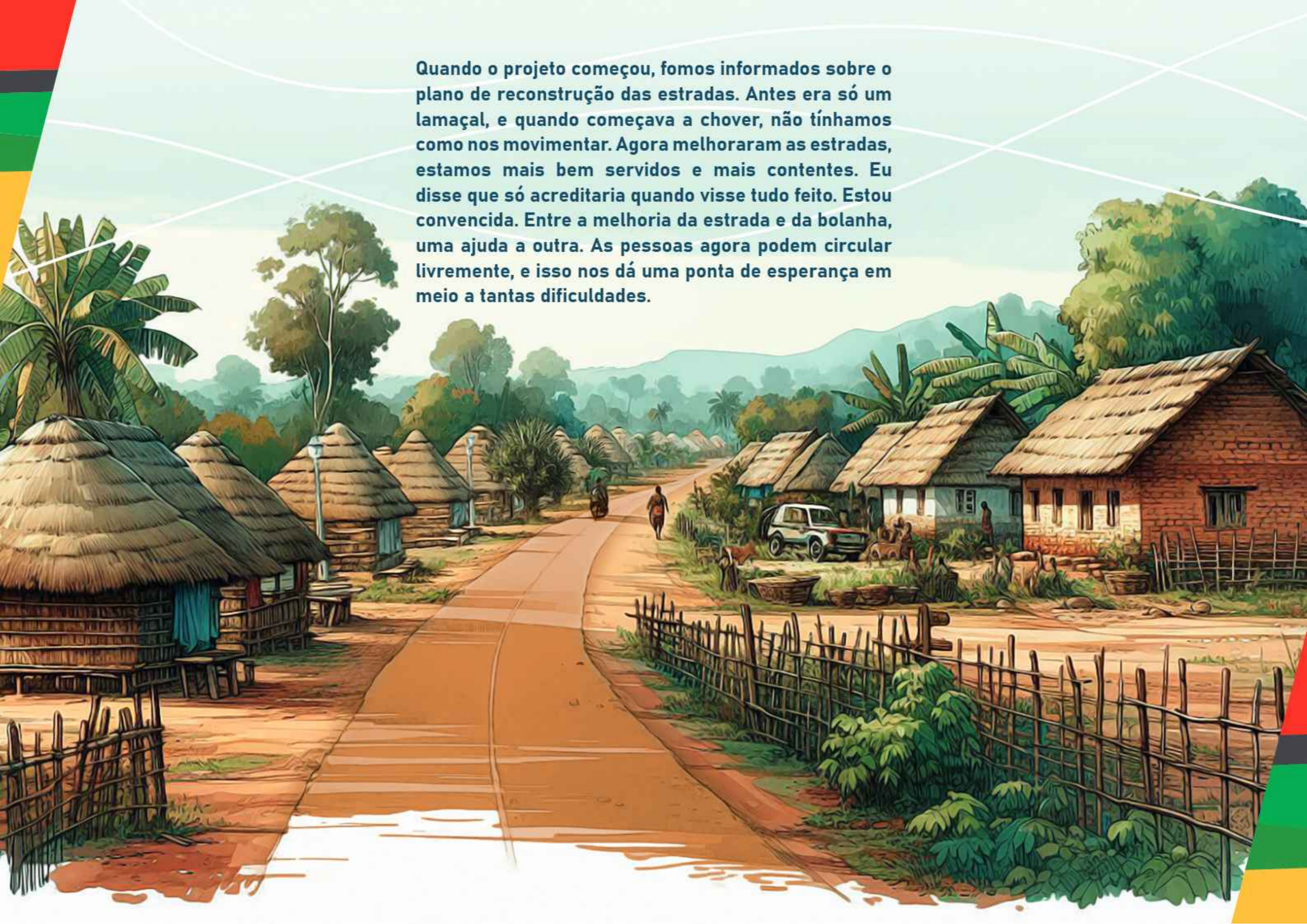


Aqui, nesta parte da vila, temos 5 casas e 4 mulheres. Ali é a casa do meu primo, que neste momento está em Pecixe, e a outra é de um dos meus filhos que também foi para Pecixe. A casa seguinte é do marido da minha filha, que está comigo no comité de estrada. Estes que vivem na casa ao lado de mim são estrangeiros. A vila vai até ao centro de saúde.

Gosto de Calack, porque nasci e cresci aqui, fui estudar a Bissau e voltei para cuidar do meu pai. Ele me deixou um terreno grande e estou cuidando do que ele deixou. O único problema é a dificuldade das estradas.



Quando o projeto começou, fomos informados sobre o plano de reconstrução das estradas. Antes era só um lamaçal, e quando começava a chover, não tínhamos como nos movimentar. Agora melhoraram as estradas, estamos mais bem servidos e mais contentes. Eu disse que só acreditaria quando visse tudo feito. Estou convencida. Entre a melhoria da estrada e da bolanha, uma ajuda a outra. As pessoas agora podem circular livremente, e isso nos dá uma ponta de esperança em meio a tantas dificuldades.







Financiado pela
União Europeia



Necas Cá

A senhora das galinhas



Olá,
o meu nome é
Necas Cá.


Eu sou a Necas Cá, nasci em 1962 em Sintra e atualmente resido em Prabis. Sou mãe de três filhas, mas apenas uma vive em Bissau. Vivo com a minha neta e o meu filho, têm 13 e 15 anos. Com o passar do tempo, os anos começaram a se refletir nos meus cabelos brancos e agora ando de muletas. Apesar disso, continuo a lutar pelos meus sonhos.





Minha história com as galinhas começou de forma inesperada. Vi alguns rapazes passando com galinhas e decidi comprar duas, depois três... e assim fui aumentando meu pequeno rebanho. Não sabia na época que a alimentação adequada, conforme as fases de crescimento das galinhas, era crucial. Era um aprendizado diário e, com o tempo, fui adquirindo conhecimento. Sempre viajei para Ziguinchor, na Gâmbia e até Dakar para comprar mercadorias que revendia. Mas a idade já não permite essas idas e vindas de carro. O pouco que consegui, investi na criação de galinhas.

As galinhas são criaturas fascinantes e cada uma tem sua própria personalidade. Entre elas, tenho uma favorita chamada Quinta. Quinta é uma galinha robusta, de penas brancas e rosas reluzentes, com uma crista vermelha brilhante. Ela é esperta e curiosa, sempre a primeira a correr para me cumprimentar quando chego com a ração. Observá-la bicando e ciscando pelo quintal me traz uma alegria indescritível. As outras galinhas, de várias cores e tamanhos, seguem seu exemplo, criando uma música a que dançam pelo quintal.

The image shows the interior of a rustic chicken coop. The roof is made of a complex wooden lattice structure with thatched material. The walls are made of rough-hewn logs and stone. The floor is dirt and covered with straw. Numerous chickens of various breeds are scattered throughout the space. On the left, there is a large haystack. In the center, a wooden pallet leans against a wooden structure. On the right, a large blue tarp is used as a nesting area, filled with straw. A white plastic jug is on the floor. A ladder is leaning against the wall on the right. The overall atmosphere is one of a well-maintained, traditional rural structure.

O lugar onde guardo as galinhas é uma pequena estrutura simples, feita de madeira e arame. Tem espaço suficiente para elas se moverem livremente e poleiros onde podem descansar à noite. Fiz questão de construir ninhos acolhedores onde podem botar seus ovos com tranquilidade. O quintal é cercado por um muro alto que fornece sombra e protege do sol intenso. Adicionei bebedouros e comedouros estrategicamente posicionados para garantir que todas tenham acesso à água limpa e à ração.

Minha maior ambição é ser conhecida como a “senhora das galinhas”. Quero que as pessoas se admirem e digam: “Ela conseguiu tudo isso com o dinheiro das galinhas”. É um sonho que me faz sorrir e me mantém motivada. Com este trabalho, espero um dia construir a minha casa.

Conheci o projeto landa Guiné! Galinhas através do veterinário Braima. Com dez mil francos CFA, inscrevi-me no programa e, após alguns meses, fui chamada para confirmar minha inscrição e participar das formações. Voltei dessas formações mais confiante e determinada. Recebi galinhas poedeiras que, apesar de terem um período produtivo limitado, me ajudaram a iniciar meu negócio.



No entanto, enfrentei desafios significativos. No ano passado, tinha 300 galinhas, todas vacinadas, mas este ano, uma ração de má qualidade matou quase todas. Recebi galinhas velhas que não punham ovos e tive que buscar outras fontes de renda para continuar investindo no meu negócio.






Em antecipação do feriado de Todos os Mortos, fiz coroas de flores de papel, ganhando 150 mil francos, dos quais 50 mil foram reinvestidos na compra de mais galinhas.

Ainda assim, a luta é constante. Quando não tenho dinheiro suficiente para a ração, cozinho arroz para elas ou compro restos de arroz queimado nos restaurantes de bairro. Trabalho arduamente para obter bons resultados, mas quando coisas como a ração de má qualidade acontecem, partem-me o coração.



Minha trajetória de vida também tem suas nuances. Fui batizada por um padrinho afro-americano que conheci na cerimônia. Ele tratou dos meus documentos com a autorização dos meus pais e me levou para a América, onde fiquei por três anos antes de ser enviada ao Brasil para estudar.

No entanto, quando vim de férias, minha mãe não permitiu que eu voltasse, preocupada que eu perdesse minhas raízes e cultura. Embora eu tenha gostado do Brasil e tenha muitas pessoas que gostam de mim lá, ainda vou ficando por aqui. Vou cuidando dos meu netinhos. Quando terminarem o liceu, o plano é mandá-las para a Europa, talvez para a França, para viverem com minha filha.



Venho de uma família humilde e não gosto de pedir, mas a maior dificuldade neste negócio é a ração. Sugiro ao projeto landa Guiné! Galinhas que financiem a ração por um período de três meses, aliviando a pressão financeira sobre os criadores e permitindo que paguemos a cada trimestre.

Este trabalho melhora com a experiência e, quanto mais eu trabalhar, melhor cuidarei das minhas galinhas. Com apoio adequado e um bom financiamento, tenho certeza de que poderei expandir meu sítio e realizar meus sonhos.

As galinhas se tornaram uma parte vital da minha vida, e cada uma tem uma história para contar. Há a pequena Ruby, uma galinha de penas castanhas com um temperamento dócil, que sempre encontra maneiras criativas de escapar do galinheiro. E também a robusta Azul, com suas penas de um tom azul-acinzentado, que é a mais protetora do grupo.

Minha rotina começa cedo. Antes do sol nascer, já estou de pé, pronta para alimentar as galinhas. Elas me aguardam ansiosamente, cacarejando alegremente. Vejo nos olhos delas uma confiança que me motiva a continuar. As manhãs são preenchidas com o som reconfortante de bicadas e asas batendo, uma sinfonia que só quem cria galinhas conhece.

A estrutura onde guardo as galinhas é um verdadeiro refúgio para elas. É um espaço onde se sentem seguras e podem viver confortavelmente. A limpeza e o cuidado com o espaço são primordiais.







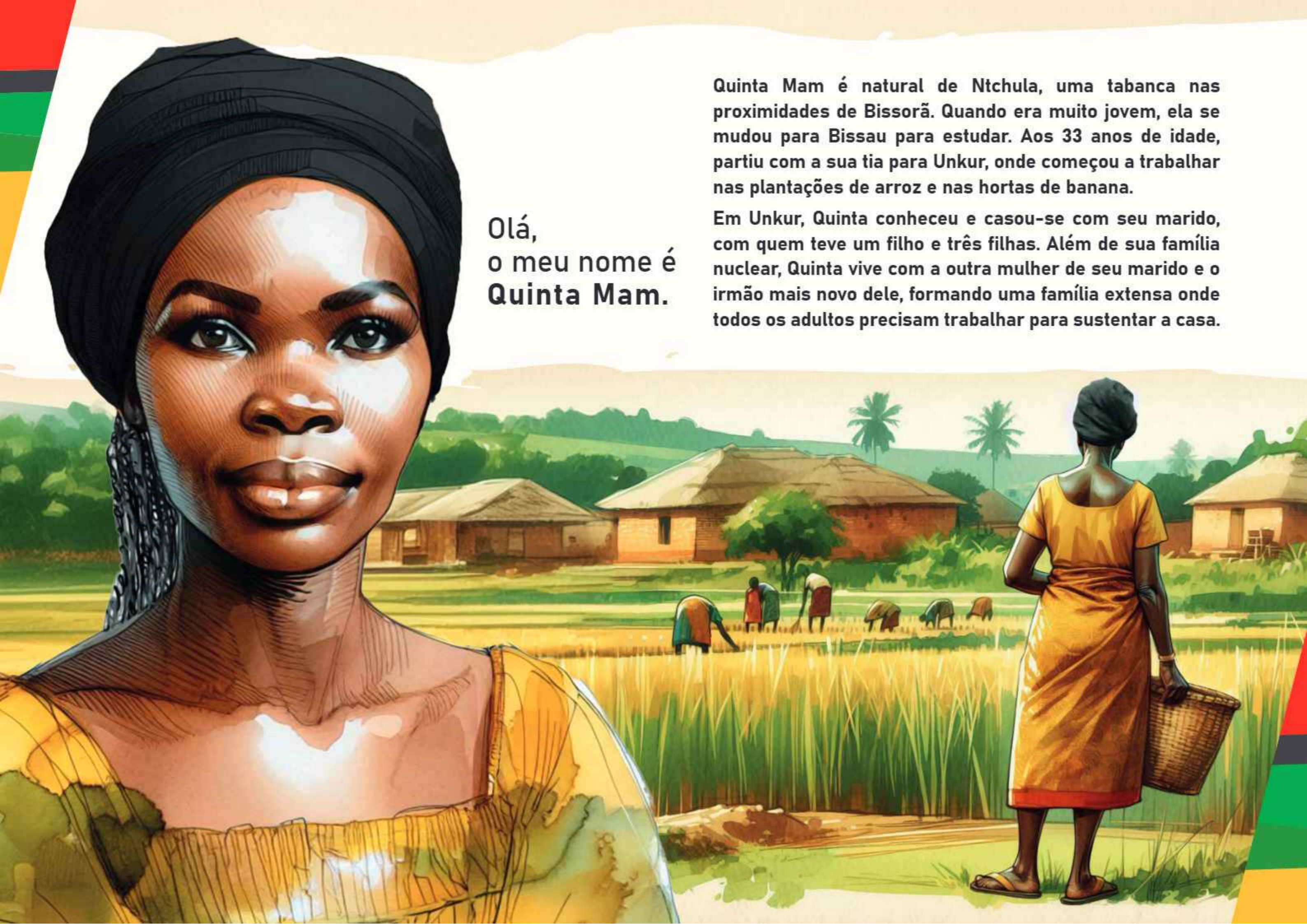
Financiado pela
União Europeia



Quinta Mam

Quinta Mam mudou-se para Ntchula





Olá,
o meu nome é
Quinta Mam.

Quinta Mam é natural de Ntchula, uma tabanca nas proximidades de Bissorã. Quando era muito jovem, ela se mudou para Bissau para estudar. Aos 33 anos de idade, partiu com a sua tia para Unkur, onde começou a trabalhar nas plantações de arroz e nas hortas de banana.

Em Unkur, Quinta conheceu e casou-se com seu marido, com quem teve um filho e três filhas. Além de sua família nuclear, Quinta vive com a outra mulher de seu marido e o irmão mais novo dele, formando uma família extensa onde todos os adultos precisam trabalhar para sustentar a casa.



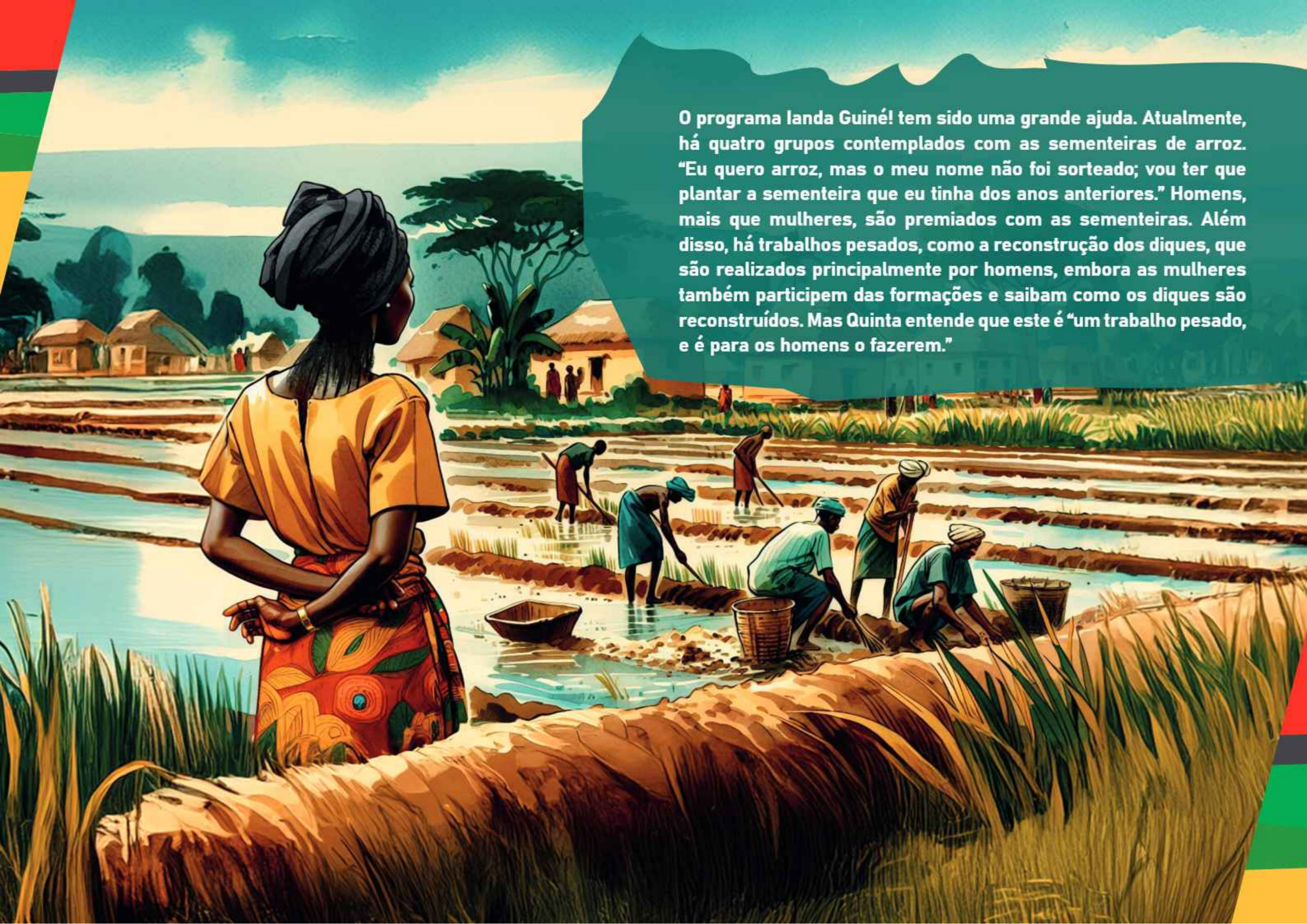
Quinta sustenta-se principalmente da plantação de arroz, compra e revenda de bananas, e apanha e venda de cacre, um crustáceo que vive nas areias das águas rasas e mangais. Ela prefere vender o cacre em tabancas que não estão perto do mar. As bananas, por sua vez, são vendidas na paragem de Bissorã. “O projeto arroz ajuda muito,” explica Quinta. “Se o projeto nos dá 5 quilos de arroz, depois da colheita tenho que devolver 5 quilos e o resto é meu para consumo ou venda. Não temos que pagar nada ao projeto.”





Os filhos de Quinta frequentam a escola, mas um deles, que está com um braço fraturado, não pôde frequentar a escola este ano. “No centro de saúde disseram que não estava partido, mas depois de algum tempo tomando medicamentos, decidimos levá-lo ao curandeiro que faz massagens a pessoas com esse tipo de problema. Até agora, ele ainda não está melhor, e como consequência vai perder o ano letivo. Se levar mais tempo para sarar, vou levá-lo de novo ao centro de saúde.”

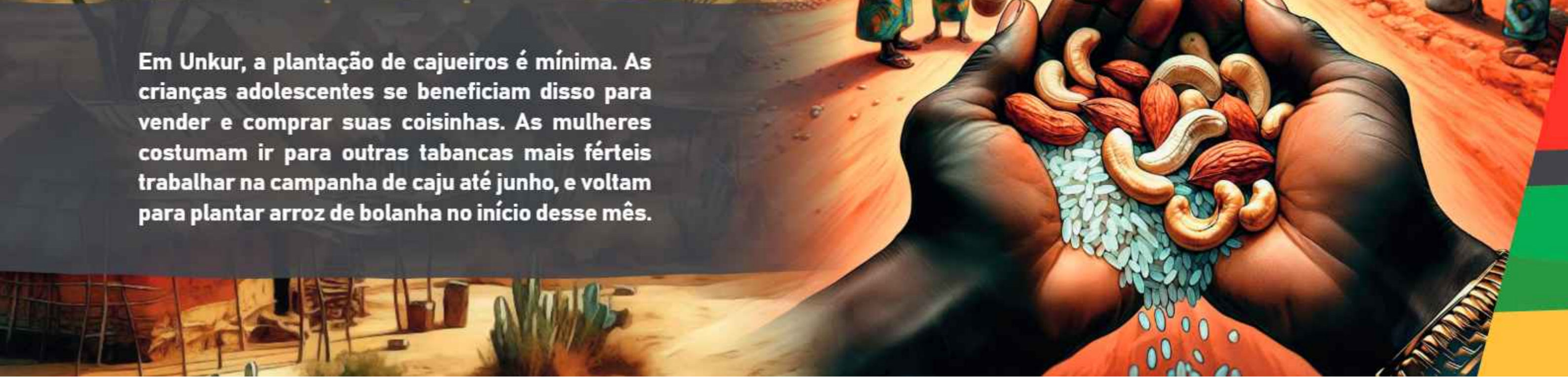
A seca em Unkur é um grande desafio. “Aqui é muito seco. O solo tem muita pedra, não dá quase nada,” lamenta Quinta. Isso resulta em fome e trabalho redobrado, pois é necessário muito investimento para tornar a terra produtiva.



O programa landa Guiné! tem sido uma grande ajuda. Atualmente, há quatro grupos contemplados com as sementeiras de arroz. “Eu quero arroz, mas o meu nome não foi sorteado; vou ter que plantar a sementeira que eu tinha dos anos anteriores.” Homens, mais que mulheres, são premiados com as sementeiras. Além disso, há trabalhos pesados, como a reconstrução dos diques, que são realizados principalmente por homens, embora as mulheres também participem das formações e saibam como os diques são reconstruídos. Mas Quinta entende que este é “um trabalho pesado, e é para os homens o fazerem.”



A reabilitação das estradas é uma esperança para a comunidade de Unkur. “Vamos poder vender mais bananas,” diz Quinta, feliz com a perspectiva de melhores negócios. Andar pelas estradas precárias vendendo cacre é sempre mais fácil do que carregar pesadas banheiras de bananas na cabeça até Bissorã. A estrada nova será, sem dúvida, uma grande ajuda. Terão mais transportes a circular e facilmente escoariam os seus produtos para Bissorã e bem sabe até a capital.



Em Unkur, a plantação de cajueiros é mínima. As crianças adolescentes se beneficiam disso para vender e comprar suas coisinhas. As mulheres costumam ir para outras tabancas mais férteis trabalhar na campanha de caju até junho, e voltam para plantar arroz de bolanha no início desse mês.

Sempre que há reuniões de tabanca, o **Ciro**, chefe do comitê de tabanca, comunica e garante a compreensão de todos, explicando quais grupos tiveram acesso às sementeiras, qual a situação das bolanhas e hortas, mesmo aquela que não pertencem ao projeto.

Este ano, **Quinta** trabalhará no seu campo de arroz, pois não obteve a sementeira do projeto. Mesmo assim, ela se mostra esperançosa e faz planos para limpar, irrigar e gerir o seu espaço de plantio.





Quinta também se preocupa com o furo de água feito pelo projeto, que devia ajudar com trabalhos de irrigação das hortas, mas que atualmente está com o painel solar estragado, impossibilitando o seu uso e consumo humano. “Este furo foi muito bem feito e provavelmente será utilizado pelos meus bisnetos, mas é preciso cuidar bem dele para que funcione.” As mulheres da comunidade têm um hectare de terra para lavrar e, com água, poderão produzir muitas variedades de hortaliças e frutas.

O futuro em Unkur é desafiador, mas Quinta Mam continua a enfrentar as dificuldades com determinação e resiliência. A esperança de melhores condições e o apoio de projetos comunitários mantêm viva a chama da perseverança em sua vida e na de sua família. Quinta sonha com um dia em que as dificuldades diminuam e a terra possa dar mais frutos, permitindo uma vida mais próspera e sustentável para todos em sua comunidade.





Financiado pela
União Europeia



Ussumane Abubacar

O Guardiã das Águas de Bissorã



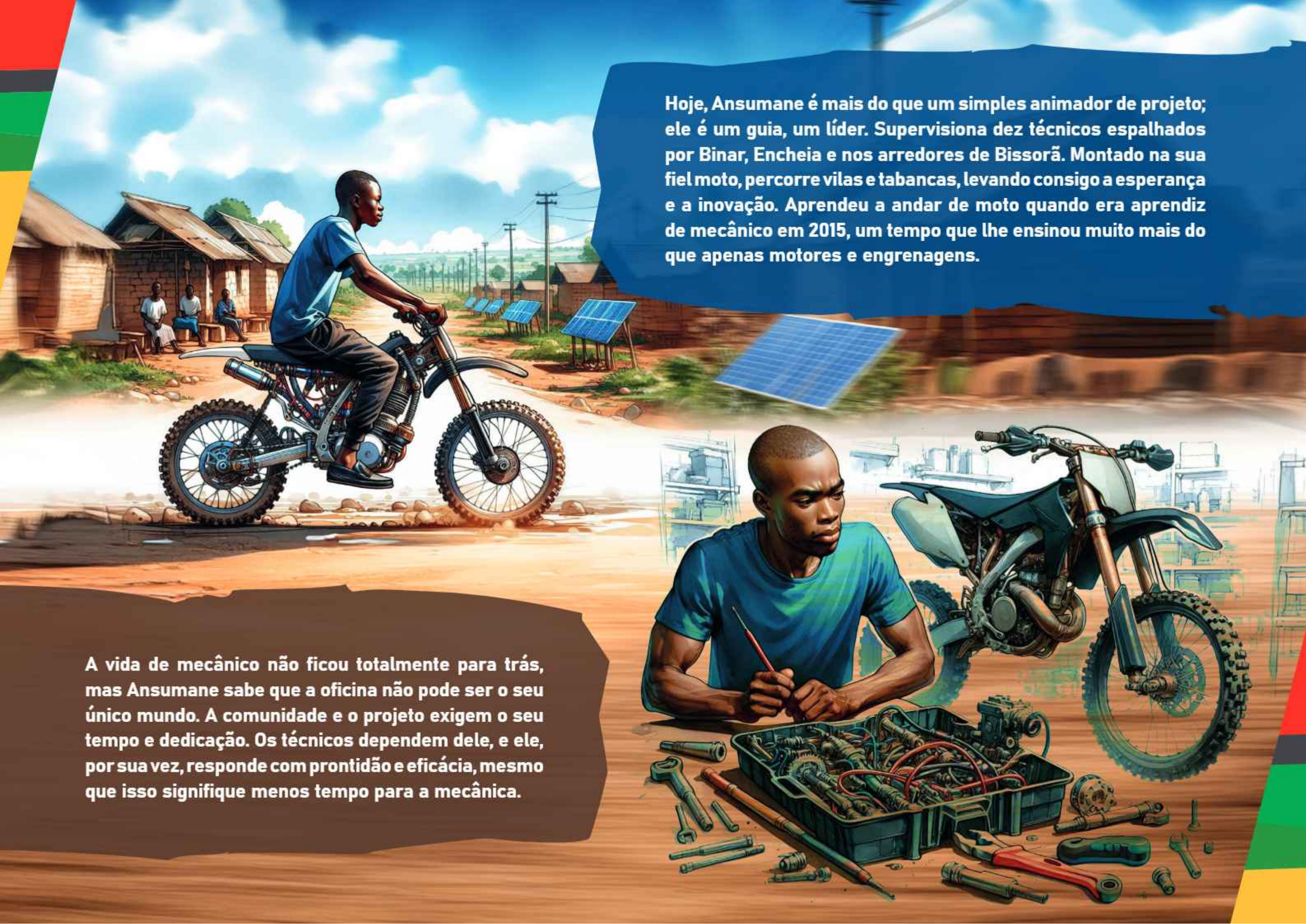
Olá,
o meu nome é
Ussumane Abubacar.

Ansumane Sisse, também conhecido como Ussumane Abubacar, é um jovem nascido a 3 de janeiro de 1998, nas terras férteis de Bissorã. Como um rio que corre sempre em direção ao mar, a sua vida desenrolou-se nesta terra, onde cresceu e onde encontrou o seu destino.

Em 2018, completou o liceu, um feito notável que lhe abriu as portas do mundo das línguas em Bissau. Contudo, como um vendaval inesperado, a pandemia do COVID-19 atravessou-se no seu caminho, interrompendo os seus estudos. Mas a vida, com suas voltas e reviravoltas, não deixou Ansumane à deriva. Em 2022, ele encontrou

uma nova direção na formação em “Reparação de bombas, pequenas redes de água, e sistemas solares fotovoltaicos” na Escola Vocacional de Bissorã., uma oportunidade que agarrou com ambas as mãos. Com dedicação e esforço, foi aprovado e promovido a supervisor vocacional, um posto de responsabilidade e compromisso.



An illustration depicting a man in a blue shirt riding a motorcycle through a village. In the background, there are traditional wooden houses, solar panels, and a dirt road. In the foreground, the same man is shown working on a motorcycle engine in a workshop, surrounded by various tools and parts. The scene is set against a bright, sunny sky with clouds.

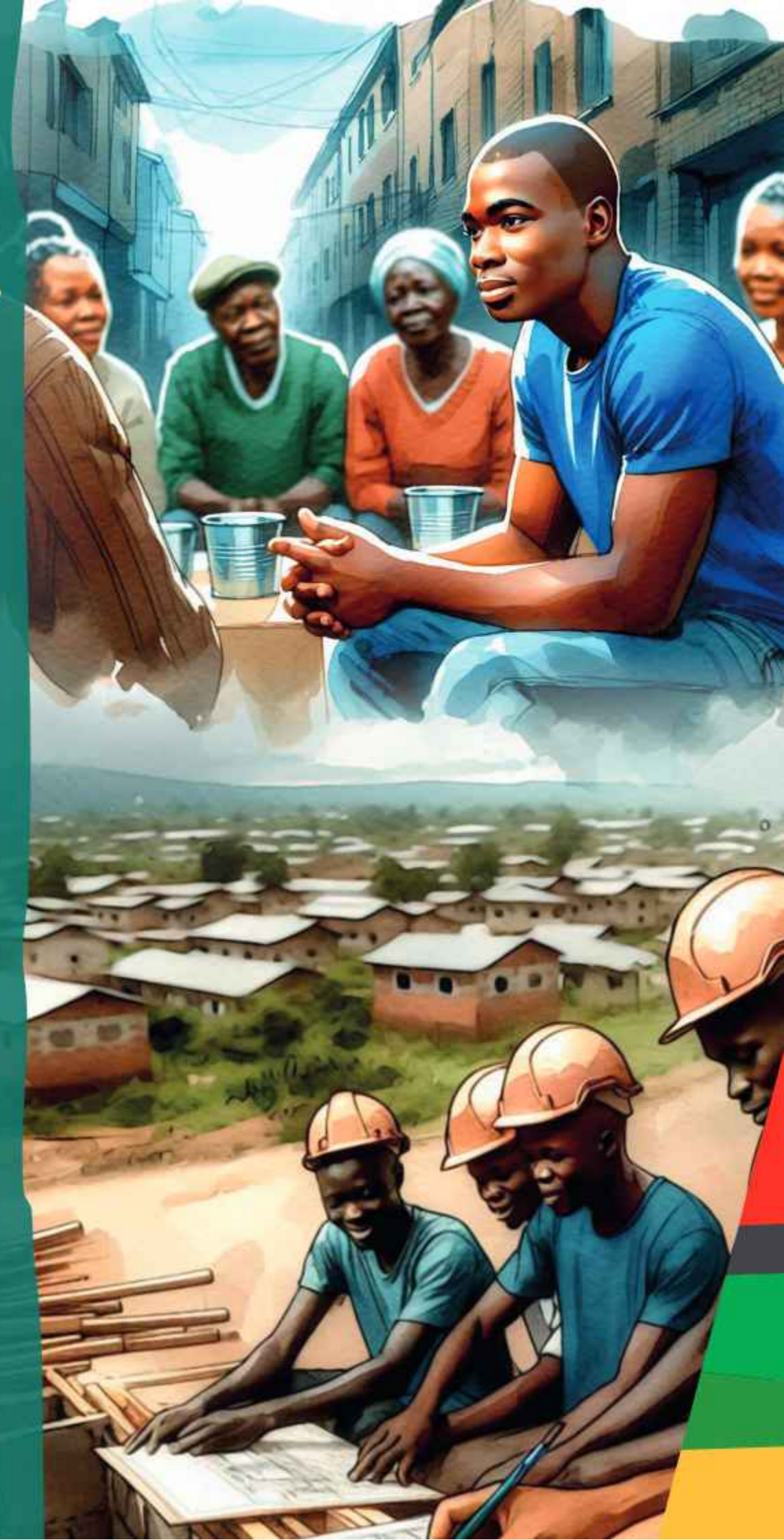
Hoje, Ansumane é mais do que um simples animador de projeto; ele é um guia, um líder. Supervisiona dez técnicos espalhados por Binar, Encheia e nos arredores de Bissorã. Montado na sua fiel moto, percorre vilas e tabancas, levando consigo a esperança e a inovação. Aprendeu a andar de moto quando era aprendiz de mecânico em 2015, um tempo que lhe ensinou muito mais do que apenas motores e engrenagens.

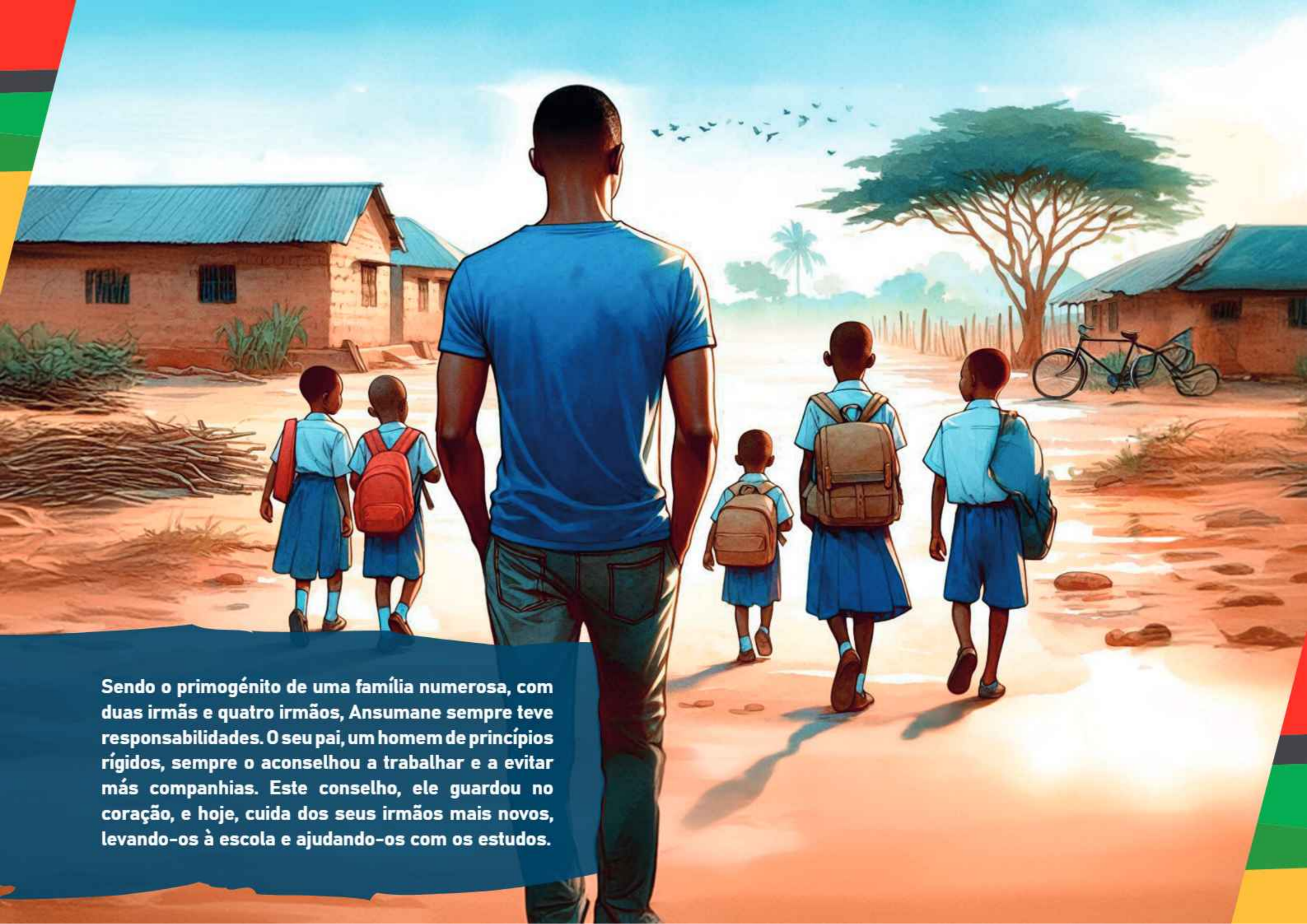
A vida de mecânico não ficou totalmente para trás, mas Ansumane sabe que a oficina não pode ser o seu único mundo. A comunidade e o projeto exigem o seu tempo e dedicação. Os técnicos dependem dele, e ele, por sua vez, responde com prontidão e eficácia, mesmo que isso signifique menos tempo para a mecânica.



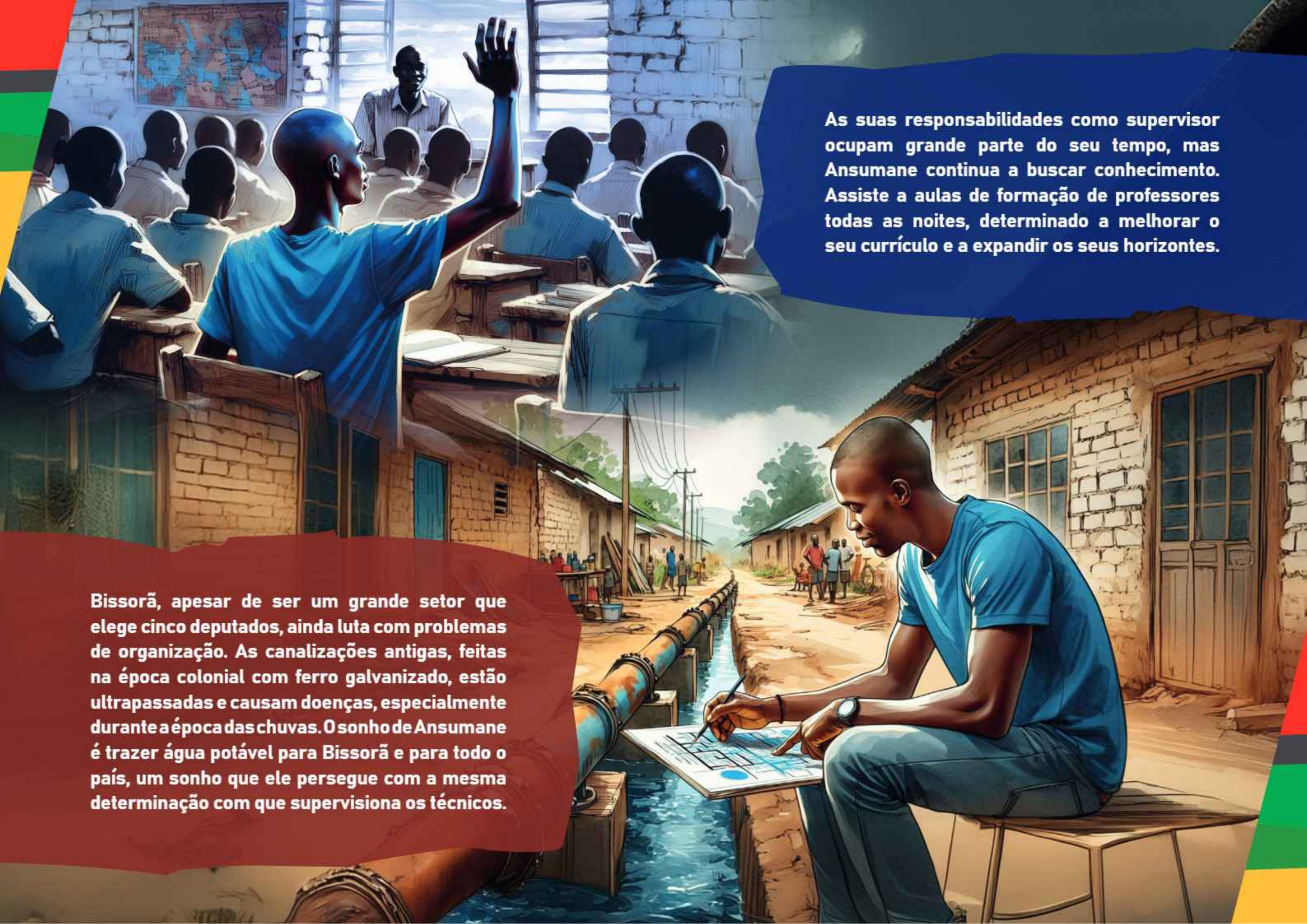
A formação que recebeu foi um divisor de águas na sua vida. Mudou a sua visão do mundo, transformou-o em alguém mais atento, mais organizado e mais comunicativo. Aproximar-se da comunidade trouxe-lhe uma nova perspetiva e um renovado sentido de serviço.

O primeiro dia de internato foi um desafio. Ansumane nunca pensou que teria que submeter-se a tantas regras, que teria que pedir autorização formal para sair. Durante 11 meses, viveu num regime de internato que lhe parecia impossível de suportar. No entanto, perseverou, e no final, encontrou uma família entre os colegas. As apresentações, as tarefas, as aulas teóricas e práticas moldaram-no de maneiras que ele nunca imaginou.





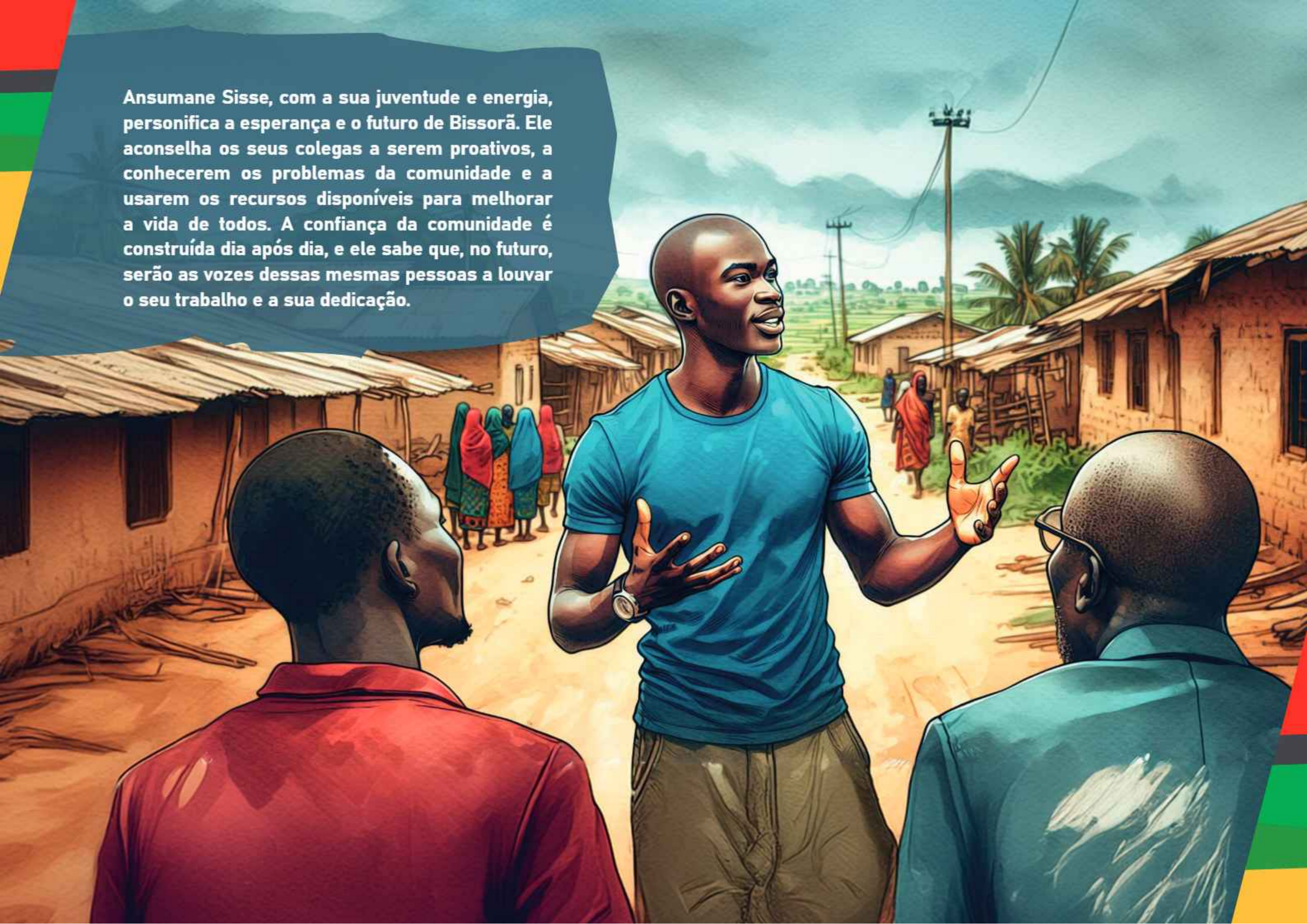
Sendo o primogénito de uma família numerosa, com duas irmãs e quatro irmãos, Ansumane sempre teve responsabilidades. O seu pai, um homem de princípios rígidos, sempre o aconselhou a trabalhar e a evitar más companhias. Este conselho, ele guardou no coração, e hoje, cuida dos seus irmãos mais novos, levando-os à escola e ajudando-os com os estudos.



As suas responsabilidades como supervisor ocupam grande parte do seu tempo, mas Ansumane continua a buscar conhecimento. Assiste a aulas de formação de professores todas as noites, determinado a melhorar o seu currículo e a expandir os seus horizontes.

Bissorã, apesar de ser um grande setor que elege cinco deputados, ainda luta com problemas de organização. As canalizações antigas, feitas na época colonial com ferro galvanizado, estão ultrapassadas e causam doenças, especialmente durante a época das chuvas. O sonho de Ansumane é trazer água potável para Bissorã e para todo o país, um sonho que ele persegue com a mesma determinação com que supervisiona os técnicos.

Ansumane Sisse, com a sua juventude e energia, personifica a esperança e o futuro de Bissorã. Ele aconselha os seus colegas a serem proativos, a conhecerem os problemas da comunidade e a usarem os recursos disponíveis para melhorar a vida de todos. A confiança da comunidade é construída dia após dia, e ele sabe que, no futuro, serão as vozes dessas mesmas pessoas a louvar o seu trabalho e a sua dedicação.





Assim, Ansumane Sisse continua a sua jornada, um jovem com um coração cheio de sonhos e uma vontade inquebrantável de fazer a diferença no mundo que o rodeia.





**Ianda
Guiné!**



Financiado pela
União Europeia

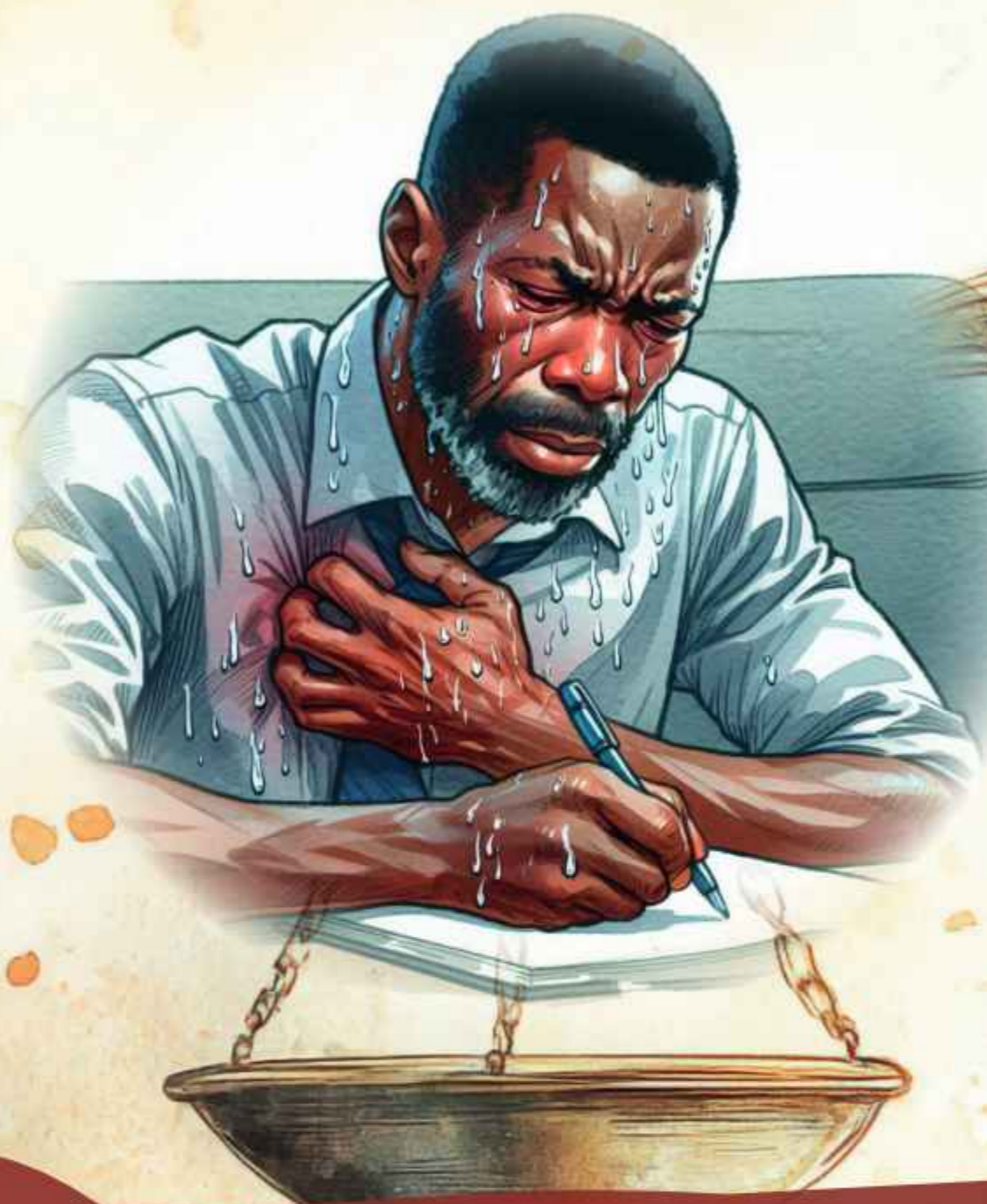


Venâncio Monteiro
Quem Vende A Solução Sai Sempre A Ganhar



Olá,
o meu nome é
Venâncio Monteiro.

Sou avicultor (crio frangos e galinhas poedeiras) e vendo produtos avícolas. Mas antes gostaria de explicar como comecei: trabalhei com o meu irmão mais velho. Na época da Guiné Telecom, tínhamos postos de cabines públicas, e depois, com a chegada dos telemóveis, passámos a vender saldo. Esses eram os produtos que mais vendíamos na nossa loja. Mas tive problemas de saúde e fui obrigado a parar por muito tempo para um tratamento médico. Mudei e decidi ser padre.



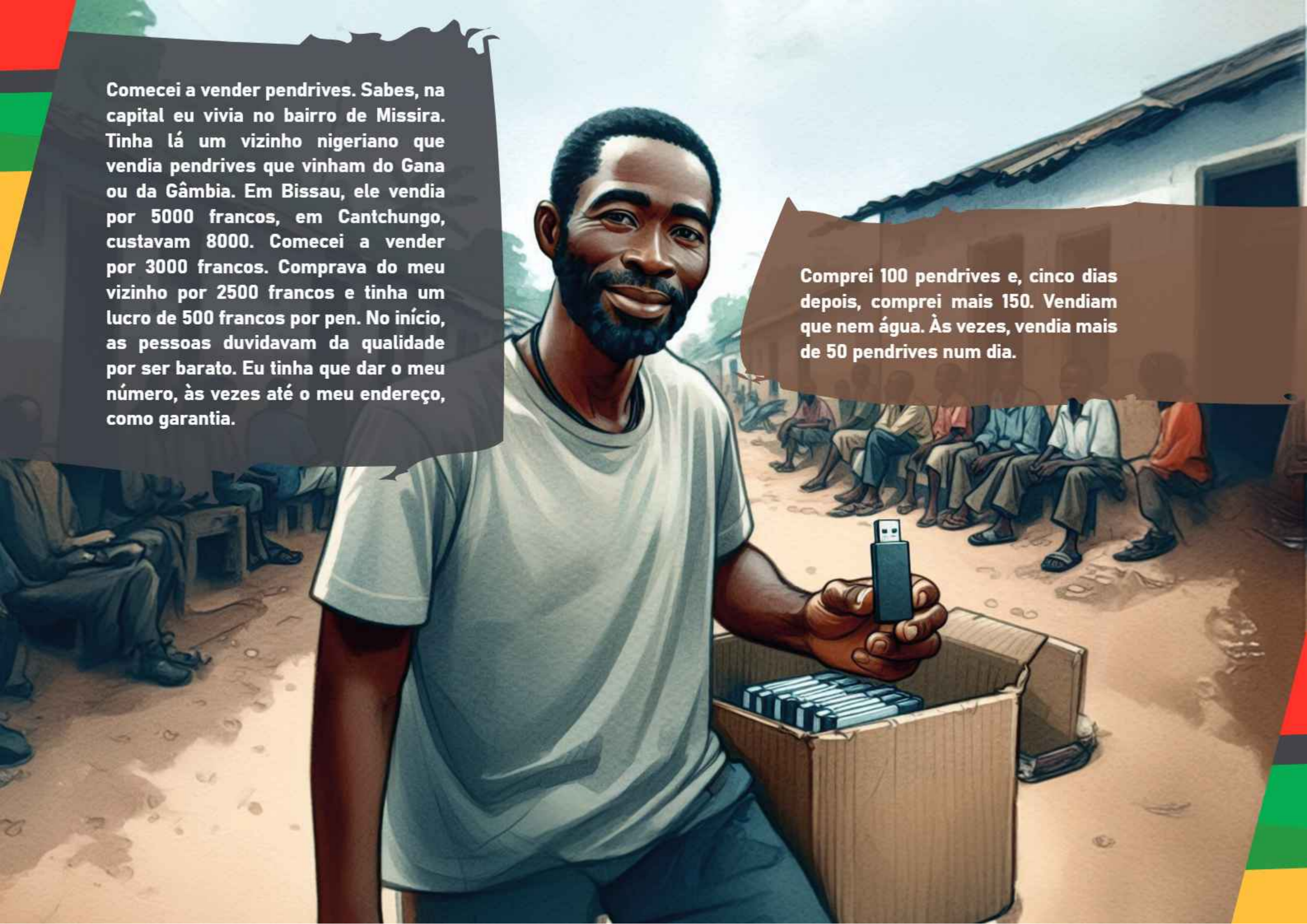
Em 2008, fui para o seminário menor, onde estudei durante três anos, mas a minha saúde voltou a piorar. Perdi o ano. Decidi então que faria Direito. Entrei no curso de Direito numa universidade da capital, mas novamente, por motivos médicos, tive que parar. O médico disse-me: “Ou estudas e ficas doente, ou paras e recuperas.” Não podia ter os dois.



Voltei para Cantchungo, minha terra natal, onde posso ter acesso a produtos alimentares de melhor qualidade, mais saudáveis e a um preço mais baixo. Enquanto esperava melhorar, recebi ajuda da minha irmã, Antonieta. Ela era enfermeira em Cacheu e já tinha a família dela. Mas eu não gostava daquela dependência.

Comecei a vender pendrives. Sabes, na capital eu vivia no bairro de Missira. Tinha lá um vizinho nigeriano que vendia pendrives que vinham do Gana ou da Gâmbia. Em Bissau, ele vendia por 5000 francos, em Cantchungo, custavam 8000. Comecei a vender por 3000 francos. Comprava do meu vizinho por 2500 francos e tinha um lucro de 500 francos por pen. No início, as pessoas duvidavam da qualidade por ser barato. Eu tinha que dar o meu número, às vezes até o meu endereço, como garantia.

Comprei 100 pendrives e, cinco dias depois, comprei mais 150. Vendiam que nem água. Às vezes, vendia mais de 50 pendrives num dia.





Eu tinha muitos exames físicos a fazer. Basicamente, o lucro da venda dos pendrives ia quase todo para pagar os exames que tinham que ser feitos em clínicas credíveis da capital. Pagava quase 90 mil francos por um batalhão de exames. Daí pensei: “O próximo exame é em outubro, mas posso usar este dinheiro e fazer os próximos em janeiro.” Muita gente já tinha pendrives na vila, não ia vender muito mais. Tinha 50 mil em dinheiro líquido e 150 mil em pendrives, que dariam para comprar galinhas. Daí, comprei 100 e mais 50, logo 150 no primeiro ciclo.

A 5 de dezembro, por ser o meu aniversário, é o dia que tiro para meditar sobre a minha vida. Pensei no sucesso das vendas das galinhas: será propício ou passageiro? Ou tinha o desejo de voltar a estudar? Pensei em criar uma empresa com o nome Venaves: “Venâncio” mais “aves”.

Quando lançaram o concurso no ano passado para o IG! Galinhas, concorri e ganhei uma subvenção com uma organização de desenvolvimento no sector aviário e pude firmar o meu negócio aviário.

Por causa do meu estado de saúde debilitado, a minha resolução foi trabalhar para ganhar o suficiente para cuidar do meu corpo. Porque todos temos metas a alcançar, e temos que nos esforçar para as atingir. O meu objetivo sempre foi ser autossuficiente. Estava a estudar por esse motivo, mas o negócio das galinhas também me torna autossuficiente. Então, já estou a atingir o meu objetivo. Mas sei que pode crescer ainda mais.

Passo o dia todo a cuidar do negócio; vou ver as galinhas logo cedo, às 07h00. A seguir vou cuidar da minha loja de produtos avícolas. No meio da manhã e no meio da tarde volto a fazer uma visita às galinhas para lhes dar água e ração, revisito os pintos e melhora as técnicas para as manter aquecidas.





A dificuldade também é um professor. O objetivo é obter o pão de cada dia. É o que todos procuramos. Tudo é um ciclo. Fiz o impossível por causa da minha saúde, e fui melhorando. No início, nem tinha dinheiro para comprar meio pão. Aquecia o que restava do jantar de ontem. Hoje, posso comer a quantidade de pães que quiser. Amanhã, vou alcançar metas mais altas.



Parte do que ganho com as galinhas, uso para os meus exames médicos. Com o restante, compro produtos para a loja e mais galinhas. Através do sistema de poupanças de amigos, o abota, comprei uma moto. Uso-a para levar a ração para a paragem e é transportada para Bissau. É um bom investimento no negócio.

No início, vivia muito de empréstimos de familiares para manter o negócio em pé. Quando fui contemplado com a subvenção tudo começou a mudar. Dantes, obtinha muito crédito familiar. Hoje, não posso dizer que estou livre de dividas, mas não tenho grandes dívidas nem dependências.

